



**A inclusão de jovens guineenses no ensino superior politécnico a partir da  
perceção de um grupo de estudantes**

**Celeste Vaz Mendes**

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do  
Grau de Mestre em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida*

Orientada por  
**Graça Margarida Medeiros Teixeira e Santos**

Bragança  
2023

## **Agradecimentos**

Deixo um agradecimento sincero a todos os jovens estudantes Guineenses, pelo apoio e colaboração voluntários, agradeço a disponibilidade do tempo com que me receberam, pois sem eles este trabalho não teria sido realizado. Eles foram, sem dúvida, a minha inspiração para a realização deste trabalho sobre o tema da integração de jovens num instituto politécnico. Foram um exemplo de como, como esta comunidade académica não desiste do trabalho.

Quero agradecer especialmente à minha família, que embora não se encontrem neste país, mais que sempre estão no meu pensamento. A minha irmã e o meu pai, e os meus irmãos que me apoiaram desde a minha chegada a Portugal até este momento.

Agradeço a Deus todo-poderoso pela vida, pela força, dedicação na minha caminhada durante estes anos de estudo no Instituto Politécnico de Bragança, neste curso de Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida.

Agradeço à Professora Doutora Graça Margarida Medeiros Teixeira e Santos de coração, pela dedicação, motivação, compreensão, paciência e preocupação desde o período em que sofri um acidente do carro. Agradeço pela orientação do trabalho de dissertação até este momento, pela paciência que ela teve comigo e que demonstrou ao longo da elaboração da dissertação de Mestrado.

Quero ainda agradecer-lhe todo o conhecimento e a aprendizagem que me transmitiu ao longo deste trabalho, bem como nas disciplinas que lecionou. Agradeço a todos os Professores que fizeram parte do meu percurso académico estes anos na Escola Superior de Educação, por todo o conhecimento que transmitiram.

Quero agradecer às minhas colegas de curso, que de uma forma direta ou indireta me apoiaram neste trabalho. Agradeço a paciência, dedicação, carinho e as palavras de encorajamento nos momentos certos.

Não foi nada fácil este percurso, mas foi possível, com apoio e colaboração das pessoas, consegui chegar onde eu cheguei. Agradeço a todos!

## **Resumo**

A presente dissertação resulta de um trabalho de investigação desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida, no Instituto Politécnico de Bragança. Trata-se de um estudo acerca do tema “A inclusão de jovens guineenses no ensino superior politécnico a partir da perceção de um grupo de estudantes” e apresenta a seguinte questão-problema: de que forma um grupo de jovens estudantes guineenses percebe a sua integração no ensino superior politécnico? Tem como objetivos: analisar a forma como um grupo de jovens estudantes guineenses percebe a sua integração no ensino superior politécnico; identificar os obstáculos que os jovens guineenses enfrentam no dia-a-dia e que dificultam a sua integração; reconhecer os fatores de proteção que influenciam a sua integração; identificar os apoios e outras medidas que contribuam para facilitar a integração destes jovens; analisar as estratégias utilizadas e refletir sobre o seu contributo para a integração dos jovens guineenses. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, utilizando a entrevista semiestruturada como instrumento de recolha de dados, dirigida a trinta participantes (jovens estudantes guineenses numa instituição do ensino superior politécnico). O grupo de participantes é constituído maioritariamente por pessoas do sexo masculino. Quanto aos principais resultados obtidos, podemos afirmar que estes estudantes, na sua maioria, consideram que na sua integração realçam o apoio prestado pelos colegas e a ajuda disponibilizada pelos professores e outras instituições da comunidade. Referem problemas de comunicação e discriminação, destacando como maior dificuldade o momento de chegada. A maioria dos estudantes assume que sentiu dificuldades de integração. Considerando a realidade em que vivemos e a investigação realizada, consideramos que este estudo pode ser um contributo particular, uma vez que parte da referência às necessidades manifestadas pelos próprios estudantes guineenses. Destaca ainda algumas possibilidades de intervenção socioeducativa que podem ser aplicadas pelo Educador social numa instituição do ensino superior politécnico, de modo a melhorar a promoção da inclusão de jovens guineenses.

Palavras-Chave: Integração académica, jovens guineenses, ensino superior politécnico, estudantes dos PALOP.

## ***Abstract***

This dissertation is the result of research carried out as part of the Master's programme in Social Education - Lifelong Learning and Intervention at the Polytechnic Institute of Bragança. It is a study on the theme "The inclusion of young Guineans in polytechnic higher education from the perception of a group of students" and presents the following problem question: how does a group of young Guinean students perceive their integration into polytechnic higher education? Its objectives are: to analyse how a group of young Guinean students perceive their integration into polytechnic higher education; to identify the obstacles that young Guineans face on a daily basis and that hinder their integration; to recognise the protective factors that influence their integration; to identify the support and other measures that help facilitate the integration of these young people; to analyse the strategies used and reflect on their contribution to the integration of young Guineans. The methodology used is qualitative in nature, using semi-structured interviews as a data collection tool, aimed at thirty participants (young Guinean students at a polytechnic higher education institution). The majority of the participants were male. With regard to the main results obtained, we can say that the majority of these students consider that the support provided by their peers and the help offered by teachers and other community institutions is of particular importance in their integration. They mention communication problems and discrimination, with the greatest difficulty being the moment of arrival. The majority of students assume that they have had difficulties integrating. Considering the reality in which we live and the research carried out, we believe that this study can make a particular contribution, since it starts from the reference to the needs expressed by the Guinean students themselves. It also highlights some possibilities for socio-educational intervention that can be applied by the social educator in a polytechnic higher education institution, in order to improve the promotion of the inclusion of young Guineans.

Key words: Academic integration, young Guineans, polytechnic higher education, PALOP students.

## Índice

Resumo.....	ii
<i>Abstract</i> .....	iii
Índice.....	iv
Índice de tabelas .....	vi
Introdução.....	1
Capítulo I - Enquadramento teórico .....	3
1. A inclusão de jovens PALOP no ensino superior.....	3
1.1. A inclusão na educação no contexto de uma sociedade inclusiva .....	4
1.2. Alguns estudos sobre a integração dos jovens PALOP .....	8
1.2.1. Questões que se colocam acerca da cultura e discriminação - dificuldades e desafios .....	10
2. A educação social e a intervenção socioeducativa.....	13
2.1. A pedagogia social e a educação social .....	13
2.2. As possibilidades de intervenção socioeducativa .....	16
Capítulo II - Investigação Empírica .....	19
1. Metodologia e questões éticas .....	19
2. Formulação de problema e objetivos de estudo.....	20
3. Técnicas e recolha de dados .....	21
3.1. Guião de entrevistas .....	22
4. Categorias, subcategorias e indicadores .....	23
5. Caracterização do grupo de participantes .....	24
6. Apresentação, análise e discussão dos resultados .....	28
6.1. Análise e discussão da categoria A. <i>Educação no ensino superior</i> .....	28
6.2. Análise e discussão da categoria B. <i>Integração/inclusão</i> .....	30
6.3. Análise e discussão da categoria C. <i>Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior</i> .....	37
Considerações finais.....	41
Referências .....	43

Anexos .....	49
Anexo 1 – Resposta ao pedido de autorização.....	50
Anexo 2 - Termo de consentimento informado .....	51
Anexo 3 – Guião de entrevista.....	52
Anexo 4 – Transcrição das entrevistas – Categoria A. Educação no ensino superior.....	57
Anexo 5 – Transcrição das entrevistas – Categoria B. Integração/inclusão .....	59
Anexo 6 – Transcrição das entrevistas – Categoria C. Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior .....	76

## Índice de tabelas

Tabela 1. <i>Alunos inscritos, por curso/ciclo de estudos e país de nacionalidade estrangeira (os 20 mais frequentes)</i> .....	7
Tabela 2. <i>Organização da categoria A. Educação no ensino superior</i> .....	23
Tabela 3. <i>Organização da categoria B. Integração/inclusão</i> .....	23
Tabela 4. <i>Organização da categoria C. Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior</i> .....	24
Tabela 5. <i>Caracterização do grupo de participantes</i> .....	26

## **Introdução**

A inclusão de alunos estrangeiros no ensino superior português, em particular de jovens guineenses, é o tema central desta investigação, tendo o nosso interesse aumentado à medida que começamos a pesquisar sobre os estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) no ensino superior politécnico. Podemos verificar que escola portuguesa vem acolhendo, cada vez mais, alunos de origem estrangeira, atendendo ao fenómeno da imigração. Torna-se, por isso, cada vez mais relevante estudar e acompanhar o processo de integração dos alunos de origem estrangeira no ensino superior. A escola é um dos principais contextos influenciados por essas mudanças sociais porque ao vivermos numa sociedade cada vez mais multicultural, as escolas refletem também uma população de diferentes origens culturais, o que tem implicações no ensino e na aprendizagem em língua portuguesa. A escola cumpre um papel importante na integração dessa população, reconhecendo a diversidade existente. Pretende-se assim analisar a forma como um grupo de jovens estudantes guineenses percebe a sua integração no ensino superior politécnico.

A inclusão dos estudantes dos PALOP no ensino superior politécnico, a partir da percepção de um grupo de estudantes, suscitou interesse ao longo do nosso percurso pessoal e académico. Dadas as situações atuais que enfrentam, apesar de todos os esforços já realizados para a aceitação de diferentes culturas, da diferença e da integração de vários estudantes dos PALOP, continuamos a assistir a graves atos de racismo e discriminação na escola (Prada & Novo, 2021) e em todo o mundo, pelo que estudar esta temática continua a ser de extrema importância. Nem sempre são devidamente tidas em conta as dificuldades e os desafios adicionais com os quais estes estudantes se deparam, comparativamente com os estudantes nacionais (refira-se, a título de exemplo, Pires, 2000). É por isso necessário envolver as instituições do ensino superior, num contexto que favoreça a inclusão social, corresponsabilizando a comunidade académica, num ambiente culturalmente diverso (Coutinho et al, 2021).

Com esta investigação procuramos responder à questão problema: De que forma um grupo de jovens estudantes guineenses percebe a sua integração no ensino superior politécnico? Como objetivos formulamos os seguintes: analisar a forma como um grupo de

jovens estudantes guineenses perceciona a sua integração no ensino superior politécnico; identificar as dificuldades que estes jovens enfrentam no dia-a-dia na sua integração; reconhecer os fatores de proteção que influenciam a sua integração; identificar os apoios e outras medidas disponibilizadas aos jovens para a sua integração; analisar as estratégias utilizadas que promovam a integração.

Relativamente à estrutura, este trabalho está dividido em duas partes. No primeiro capítulo onde se aborda o enquadramento teórico, analisa-se no ponto um a importância da escola e a inclusão de jovens PALOP no instituto politécnico, a delimitação dos conceitos de inclusão e integração, a integração académica, com base em estudos sobre a integração dos jovens PALOP, as questões que se colocam acerca da cultura e discriminação, bem como as dificuldades e desafios. No ponto dois aborda-se a educação social e a intervenção socioeducativa, o posicionamento da pedagogia social e da educação social, destacando as possibilidades de intervenção socioeducativa.

No segundo capítulo, relativo à investigação empírica, analisa-se a temática e questão-problema, a importância de objetivos, metodologia de estudo, técnica e recolha de dados, guião de entrevista, caracterização do grupo de participantes, apresentação, análise e discussão dos resultados. Apresentam-se ainda as considerações finais, as referências e os anexos.

## **Capítulo I - Enquadramento teórico**

Neste capítulo iremos refletir sobre a inclusão de jovens dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) no ensino superior, bem como a relação entre a educação social e a intervenção socioeducativa.

### **1. A inclusão de jovens PALOP no ensino superior**

A inclusão de jovens dos PALOP no ensino superior constitui um desafio, que necessita de ser contextualizado nas políticas educativas ao nível internacional. Os PALOP consistem no grupo de países africanos lusófonos: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe (EUROCID, 2013). Para Carrera e Geyer (2009),

A europeização das políticas com impacto na inclusão social de grupos vulneráveis na área da educação escolar vive uma transformação dinâmica que procura acompanhar o ritmo com a evolução das realidades sociais, culturais e diversas que caracterizam a Europa de hoje. (p. 6)<sup>1</sup>

As relações internacionais são cada vez mais incentivadas e alargadas, tal como se explicita em Camões I.P. (2023),

A Cooperação PALOP e TL - UE tem como objetivo estreitar a relação entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e Timor-Leste com os Estados-membros da UE. Está ativa desde 1992, tendo sido alargada a Timor-Leste em 2007.

Baseia-se em afinidades históricas e culturais entre esses países, tendo os respetivos Chefes de Estado reiterado solenemente a vontade de cooperar entre si com o

---

<sup>1</sup> A tradução é nossa.

fundamento da língua oficial e os traços comuns que caracterizam o sistema de governação herdado, em particular na administração pública, sistemas de justiça e gestão das finanças públicas, bem como os percursos históricos e políticos pós-independências. (s/p)

O ato de incluir todos os alunos na escola permite criar sociedades fortes e resilientes, onde “todas as crianças, seja qual for o seu estatuto sócio- económico, classe social, sexo, crença religiosa, capacidade, cultura ou língua, pertencem à nossa comunidade e, por conseguinte, às nossas escolas.” (Correia, 2000, p.5).

Rocha et al (2021) reforçam que os desafios para a inclusão na educação ainda hoje se verificam, atendendo à desigual distribuição das oportunidades e das barreiras para uma educação de qualidade.

A escola é uma instituição que permite o desenvolvimento dos estudantes enquanto pessoas, para que se tornem capacitados, para poderem enfrentar os desafios na sua vida pessoal e profissional. É neste sentido que reconhecemos a pertinência das instituições de ensino superior.

Para abordarmos a inclusão de jovens PALOP no ensino superior, começaremos por refletir sobre a inclusão na educação no contexto de uma sociedade inclusiva. A realidade dos PALOP é muito diversa, uma vez que inclui vários países. Assim sendo, é necessário respeitar a identidade e a tradição cultural, histórica, política, religiosa próprias de cada país, com semelhanças e diferenças, mas essencialmente com as suas características próprias.

Partindo de um contexto mais abrangente relativo aos PALOP, importa salientar que este trabalho foca, em particular a realidade de jovens guineenses.

## **1.1. A inclusão na educação no contexto de uma sociedade inclusiva**

No sentido de promover uma sociedade inclusiva, importa clarificar o que se entende por inclusão. Trata-se de um “processo que ajuda a superar as barreiras que limitam a presença, a participação e o sucesso dos alunos” (UNESCO, 2017, p. 7). Apesar de frequentemente associarmos a inclusão escolar ao contexto da educação especial, uma

vez que desde a sua origem esteve relacionada com as pessoas com deficiência, a inclusão inscreve-se nos movimentos contra a exclusão social.

Tal como refere Gohn (2011), os “movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social” (p. 336).

A inclusão é um processo que envolve todos. Sanches e Teodoro (2006) referem que a

experiência adquirida com a integração escolar e toda a reflexão que a mesma gerou sobre a escola que exclui uma parte considerável dos seus alunos, não somente os que se encontram em situação de deficiência, ajudou a desencadear o movimento da inclusão que pretende promover o sucesso pessoal e académico de todos os alunos, numa escola inclusiva. (p. 69)

Uma escola inclusiva é aquela que privilegia a heterogeneidade e a diferença. Assim sendo, reforçamos as palavras de César (2003), ao afirmar que

é uma escola onde se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permitem avançar, em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos como parceiro social. (p. 119)

A educação é um processo de aprendizagem em que todos alunos têm que ter as oportunidades para o sucesso, perante a aprendizagem mas também, deve haver justiça social, respeito a crença cultura entre outras.

É necessário promover a inclusão na educação, no sentido de contribuir para uma sociedade inclusiva. Tal como referem Sanches e Teodoro (2006), é por isso que

(...) educação se deve processar em escolas regulares, escolas inclusivas, que devem proporcionar os meios mais capazes para combater atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos (...). (p. 70)

É neste sentido que consideramos que, para incluir a pessoa é necessário fazer algo dentro de uma sociedade ou meio onde ela vive. Os estudantes vindos dos PALOP, na sua generalidade no primeiro ano do curso superior onde ingressaram, vivenciam um período mais crítico de adaptação e integração num ambiente novo.

A inclusão é uma necessidade do ser humano, pois no contexto académico os estudantes terão a possibilidade de promover a sua participação académica e social e em particular, o seu desenvolvimento pessoal.

Do que foi referido, ressalta que os caminhos para a construção de uma escola inclusiva não são fáceis, nem de conceber, nem de concretizar. A escola desempenha um papel importante na integração dos estudantes, para que todos alcancem os seus objetivos.

Enquanto a inclusão implica a alteração do próprio sistema para se adaptar ao estudante e não o inverso, ou seja, a adaptação do estudante para se enquadrar no sistema.

É, portanto, um processo de mudança recíproco e a aprendizagem, que pressupõe “esforços e mudanças e promovendo a construção de uma escola inclusiva, em que cada um sintam valorizados respeitados, tanto nas pessoas acolhidas como nas sociedades de acolhimento” (Souza & Ferreira, 2017, p. 9).

Com o intuito de contextualizar este estudo no panorama nacional português selecionamos da tabela 1, os dados relativos aos alunos inscritos (conforme designação no documento original), por curso/ciclo de estudos e país de nacionalidade estrangeira no ano letivo 2021/2022, relativamente aos PALOP, tal como se apresenta a seguir:

- Angola (4694);
- Cabo Verde (5681);
- Guiné-Bissau (6362);
- Moçambique (2054);
- São Tomé e Príncipe (1065).

Neste sentido, com base nos dados da DGEEC (2023a,) os estudantes dos PALOP no contexto nacional perfazem um total de 19856 alunos inscritos no ensino superior, considerando os cursos técnico superior profissional, licenciatura (1.º ciclo), especialização pós-licenciatura, mestrado integrado, mestrado 2.º ciclo e doutoramento (3.º ciclo).

Tabela 1

*Alunos inscritos, por curso/ciclo de estudos e país de nacionalidade estrangeira (os 20 mais frequentes)*

Ciclo de estudos	Total	Curso técnico superior profissional	Licenciatura 1.º ciclo	Especialização pós-licenciatura	Mestrado Integrado <sup>(2)</sup>	Mestrado 2.º ciclo	Doutoramento 3.º ciclo
País de nacionalidade							
<b>Total</b>	69 272	3 270	33 260	302	5 440	18 571	8 429
<b>Brasil</b>	18 780	523	7 812	98	816	5 492	4 039
<b>Guiné-Bissau</b>	6 362	1 205	4 163	17	78	851	48
<b>Cabo Verde</b>	5 681	1 074	3 271	10	353	837	136
<b>Angola</b>	4 694	163	2 682	33	196	1 039	581
<b>Espanha</b>	4 154	10	2 949	31	462	489	213
<b>França</b>	4 069	12	1 457	6	1 858	677	59
<b>Itália</b>	3 835	10	1 320	11	631	1 462	401
<b>Alemanha</b>	3 054	5	908	5	105	1 925	106
<b>Moçambique</b>	2 054	65	1 124	5	265	249	346
<b>China</b>	1 465	6	581	25	37	498	318
<b>São Tomé e Príncipe</b>	1 065	75	721	1	46	194	28
<b>Polónia</b>	1 001	2	583	0	44	334	38
<b>Turquia</b>	720	0,0	500	2	24	138	56
<b>Irão (República Islâmica do)</b>	617	1	10	4	8	128	466
<b>Roménia</b>	553	12	364	2	37	110	28
<b>Bélgica</b>	514	2	223	1	36	237	15
<b>Equador</b>	500	3	353	1	25	72	46
<b>Ucrânia</b>	347	20	238	0	18	50	21
<b>Timor-Leste</b>	340	4	238	0	42	28	28
<b>Colômbia</b>	306	2	55	3	12	147	87
<b>Outros países <sup>(3)</sup></b>	9 161	76	3 708	47	347	3 614	1 369

(1) Inclui os alunos inscritos em mobilidade internacional.

(2) Inclui os ciclos de estudos de "Mestrado integrado", "Preparatórios de mestrado integrado" e de "Mestrado integrado terminal".

(3) Inclui outros países menos frequentes.

Fonte: DGEEC (2023a, p. 131).

Relativamente a este estudo em particular, importa também referir os estudantes da Guiné-Bissau inscritos no ano letivo 2021/2022 numa instituição do ensino superior politécnico. De acordo com os dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC, 2023b), num total de 468 alunos, 162 estão inscritos em cursos técnico superior profissional, 250 em licenciatura 1.º ciclo e 56 em mestrado 2.º ciclo.

Nesse sentido afirmamos que uma instituição do ensino superior politécnico deve ser capaz de receber todos os alunos vindos de diferentes países, com culturas diferentes, promovendo a integração de vários estudantes dos PALOP.

## **1.2. Alguns estudos sobre a integração dos jovens PALOP**

De modo a contextualizar a temática em análise, apresentaremos alguns estudos sobre a integração dos jovens PALOP, procurando seguir uma ordem cronológica.

Num estudo realizado por Pires (2000), a autora afirma que

Relativamente aos estudantes dos PALOP salienta-se o facto de a sua progressão nos estudos ser agravada por uma inadequada formação anterior, um fraco domínio da língua portuguesa, falta de apoio, dificuldades na aprendizagem dos conteúdos das disciplinas, e de integração, entre outras. Provavelmente, uma intervenção a nível social e da aprendizagem dirigida sobretudo a uma aprendizagem correcta da língua portuguesa, facilita uma melhor adaptação e inserção na sociedade de acolhimento. (p. 149)

Costa e Oliveira (2010) defenderam que ao entrarem no ensino superior, os estudantes provenientes dos PALOP, em particular, deparam-se com novas conquistas e desafios sociais e académicos, nomeadamente a separação da família e dos amigos, a aquisição de independência e de responsabilidade, a adaptação a novas exigências pessoais, sociais e académicas, novas relações interpessoais, novos métodos de organização do estudo.

Também Jardim (2013) refere que

Concretamente no caso dos alunos oriundos dos PALOP em Portugal importa recordar que vêm de um meio geográfico, social e cultural significativamente diferentes; tal pode colocar problemas no tocante à sua adaptação à sociedade portuguesa. Na verdade, de acordo com os resultados deste estudo, é no momento da chegada que os alunos conhecem as maiores ansiedades e manifestam o desejo de poderem ter contado com alguém que os acolhesse, não apenas na recepção no local/cidade mas também em termos de apresentação da instituição de ensino. (p. 104)

A propósito das condições de acesso e ingresso, Pedreira (2015), num estudo sobre estudantes da comunidade dos países de língua portuguesa (CPLP) no ensino superior em Portugal afirma que

Os regimes especiais criados propositadamente para facilitar a entrada no ensino superior português aos estudantes nacionais dos PALOP e de Timor Leste acabam por aproveitar a apenas alguns. É entre os santomenses que é maior a proporção dos que acedem ao ensino superior através desses regimes (46,2%), seguindo-se os guineenses (35,8%), os cabo-verdianos (34,4%), os timorenses (32,1%), os moçambicanos (31,8%) e finalmente os Angolanos (1,7%) que quase só excecionalmente usufruem das facilidades que lhes são concedidas, o facto de só uma pequena parte usufruírem de uma bolsa de estudo constitui, para muitos, um impedimento a que possam beneficiar do regime especial de acesso. (pp. 4-5)

Ferreira e Fernandes (2015) problematizam acerca da transição para o ensino superior e sua importância na trajetória académica dos estudantes. Assim sendo, o início da vida académica significa a aquisição de conhecimentos, de uma certa independência, de responsabilidade, de desenvolvimento pessoal, de novas amizades e a elaboração de novos projetos.

Neste contexto, a transição para o ensino superior caracteriza um momento determinante para os estudantes ao nível do desenvolvimento pessoal, social e também a nível académico. Esta é uma realidade também vivenciada pelos estudantes provenientes dos PALOP.

Doutor, Marques e Ambrósio (2018) analisam a problemática do racismo no quotidiano dos estudantes provenientes dos PALOP em Portugal. Nesse estudo, os autores afirmam que

(...) é possível afirmar com algum grau de segurança que, apesar de a sociedade portuguesa se ter vindo a assumir como formalmente antirracista e apesar do fluxo dos estudantes dos PALOP para o Ensino Superior Português ter vindo a aumentar ao longo das últimas décadas, subsistem ainda preconceitos raciais num contexto institucional aparentemente insuspeito. Os preconceitos estão associados, por exemplo, à crença numa diferença de capacidades entre os estudantes nacionais e os estrangeiros parecem recorrentes. Estas atitudes são claramente percebidas e subjetivamente vividas pelos estudantes com um significativo desconforto. (p. 182)

Num outro estudo realizado por Bergano, Novo e Prada (2020), que incidiu sobre estudantes PALOP no ensino superior, as autoras referem que

Apesar do reduzido número de participantes e, embora se trate de um estudo exploratório cujos resultados não podem ser generalizados a todos os estudantes dos PALOP nas instituições de ensino superior portuguesas, as reflexões delineadas neste artigo indicam uma visão positiva de estudar numa região do Norte e Norte e interior de Portugal. A realização de estudos em Portugal é sublinhada como um fator de empregabilidade dos estudantes, o que, segundo eles, pode ser explicado, entre outros factores, pela qualidade reconhecida das próprias instituições de ensino superior e do corpo docente do país de acolhimento. (p. 220)<sup>2</sup>

Doutor e Alves (2020), num estudo sobre as conquistas e desafios académicos dos estudantes dos PALOP no ensino superior, afirmaram que

Os estudantes enfatizam o acréscimo de responsabilidade, de maturidade e de autonomia quer na aprendizagem, quer face aos seus familiares. Todavia, os estudantes deparam-se com um sistema de ensino diferente, a ausência de estruturas de apoio, a constatação de um fraco domínio da língua portuguesa, a dificuldade em adotar um método de estudo e o desconhecimento do contexto português em algumas unidades curriculares. (p. 47)

É necessário afirmar que a realidade é muito diversa e relativa – para alguns estudantes pode constituir uma experiência enriquecedora, para outros pode ser mais difícil e menos positiva. No entanto é importante salientar que há problemas que persistem ao longo do tempo.

### **1.2.1. Questões que se colocam acerca da cultura e discriminação - dificuldades e desafios**

De seguida vamos abordar algumas questões frequentes sobre a discriminação e cultura. A inclusão dos estudantes no ensino superior é um desafio para todos, com os mesmos direitos e justiça.

---

<sup>2</sup> A tradução é nossa.

É de referir que esta problemática não é exclusiva dos estudantes dos PALOP. A título de exemplo, Chintoan-Uta (2014), num estudo sobre a integração escolar e discriminação de alunos estrangeiros em Portugal e na Roménia, no ensino universitário afirma que

Em tempos de crise económica e menos restrições de viajar entre os países, a Europa confronta-se com uma mudança das necessidades e demandas das pessoas. Tendo isso em conta, a UE trabalha para satisfazer essas demandas e para uniformizar os Estados Membros num modelo europeu a fim de todos terem igualdade. (p. s/p)

Sabemos que uma instituição do ensino superior acolhe estudantes vindos de diferentes países, de culturas e nacionalidades, para que todos gozem das mesmas oportunidades. Assim os estudantes dos PALOP, ao contactar com uma nova cultura, são levados a compreender um conjunto de vivências e princípios básicos orientadores dessa cultura.

A escola é um dos principais contextos influenciados por essas mudanças sociais, numa sociedade cada vez mais multicultural, as escolas estão também a ter uma população de diferentes origens culturais, o que tem reflexos em abordagens do ensino da língua. É neste sentido que a escola ocupa um papel determinante na integração dessas populações, reconhecendo a diversidade existente.

As razões identificadas incluem, por exemplo, além da discriminação étnica em instituições educacionais, também as abordagens inadequadas, as desigualdades na sociedade. Tal como afirma Luciak (2004),

O estudo em apreço revela que a comparabilidade dos dados relativos à educação dos migrantes e das minorias nos Estados-Membros da UE é reduzida. As razões para este facto incluem diferenças nas categorizações utilizadas na recolha de dados e no fornecimento de dados diferenciados. Além disso, cada Estado-Membro tem o seu próprio sistema educativo e uma sociedade composta por diferentes etnias. (p. 123)<sup>3</sup>

Entendemos reforçar que este estudo foi realizado em 2004, mas importa referir que o autor afirma que

---

<sup>3</sup> A tradução é nossa. Importa referir que o estudo se intitula “Migrants, minorities and education. Documenting discrimination and integration in 15 member states of the European Union, on behalf of the European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia (EUMC)” (Luciak, 2004).

A discriminação direta e atos de racismo parecem ser menos comuns no campo da educação em comparação com outras áreas, como emprego ou habitação.

No entanto, formas indiretas e institucionais de discriminação muitas vezes contribuem para a reprodução de desigualdades. (p. 123)<sup>4</sup>

Embora “o impacto da legislação comunitária anti-discriminação nas áreas nacional, fortificou o princípio da igualdade de tratamento, os mecanismos de controlo eficazes sobre discriminação na educação que ainda estão a faltar” (Carrera & Geyer, 2009, p.39).

Frequentemente, o que mais se verifica na comunidade académica é a discriminação racial, embora exista um acordo da legislação comunitária de antidiscriminação, de modo a tratar todos de igual forma, sem discriminação. Tal como afirma Romero (2017),

Somente uma educação inclusiva e de respeito às diferenças pode mudar o cenário de preconceito e discriminação que possa existir no ambiente escolar. Isto exige dos gestores e educadores, uma formação que permita transmitir aos educandos, a necessidade de se respeitar as diferenças e os diferentes. (p. 28)

Desta forma, mais uma vez reforçamos a importância da educação inclusiva. Um dos pontos a desenvolver irá analisar algumas dificuldades com as quais os jovens estudantes se confrontam. Pode-se prever que os alunos de origens africanas se encontram com maiores dificuldades em assegurar as despesas associadas à frequência universitária (propinas, materiais de estudo, deslocações, etc.), ou em manter uma dedicação exclusiva aos estudos (Casanova, 2005).

Alguns estudantes vindos dos PALOP e que acedem ao ensino superior revelam lacunas na formação escolar anterior (Casanova & Almeida, 2016). Quando referem que o nível de ensino dos países estrangeiros, aliado à articulação entre o sistema de ensino secundário destes países e o sistema do ensino superior em Portugal são alguns dos fatores que podem desencadear dificuldades no processo de integração dos estudantes dos PALOP.

As dificuldades sentidas no estudo das matérias e a falta de bases do ensino secundário são alguns dos desafios académicos com que os estudantes se confrontam logo no primeiro ano do ensino superior (Casanova & Almeida, 2016). Aliás, há que atender a diferenças nos currículos entre os países de origem e a realidade portuguesa.

---

<sup>4</sup> A tradução é nossa.

No entanto, também após a conclusão dos estudos, verificam-se dificuldades. Silva (2022) realizou um estudo sobre a inserção laboral no mercado nacional de jovens imigrantes oriundos dos PALOP e concluiu que

os principais fatores que dificultam a integração dos jovens estudados no mercado de trabalho português são a dificuldade em obter a documentação, seguida do baixo nível de escolaridade e de sérias dificuldades de domínio da língua portuguesa. Outra das principais razões da dificuldade de inserção no mercado de trabalho por parte destes imigrantes, tem a ver com o investimento que o mercado exige para melhor integrar. Os resultados indicam também que os jovens imigrantes cabo-verdianos se sentem mais à vontade no mercado de trabalho português face aos jovens imigrantes guineenses. (p. 3)

Estas problemáticas podem ser perspetivadas no contexto da educação social. Neste sentido, importa refletirmos sobre o potencial da intervenção socioeducativa neste âmbito.

## **2. A educação social e a intervenção socioeducativa**

Neste ponto iremos refletir sobre a educação social e a intervenção socioeducativa. Para isso, importa clarificar a relação entre a pedagogia social e a educação social. A partir dessa análise, procuramos explorar as possibilidades da intervenção socioeducativa.

### **2.1. A pedagogia social e a educação social**

Consideramos a Pedagogia Social como uma ciência, uma teoria e uma prática preocupada pela relação “educação-sociedade”, que se conforma na articulação da educação não formal (campo de ação tradicional) com a educação formal (pedagogia escolar), nas práticas inseridas nos vários âmbitos de ação e intervenção socioeducativa com as pessoas coletivos e com a comunidade em geral (Candeias Martins, 2020).

Baptista (2008) afirma que

A disciplina científica que dá pelo nome de «pedagogia social» ocupa hoje um lugar fundamental no seio das ciências da educação, respondendo por um universo conceptual específico, alicerçado num património histórico próprio e num campo de problematização-acção de confirmada relevância na nossa contemporaneidade. (p. 7)

Importa clarificar a relação entre a pedagogia social e a educação social. Tal como afirma Barros (2018),

este modo de alicerçar os fundamentos da educação social na pedagogia social tem encontrado um frutífero campo de desenvolvimento, sobretudo porque esta última se inscreveu, desde a sua origem usualmente situada em contexto alemão, nas zonas de fronteira da investigação educacional, em que a interdisciplinaridade enriqueceu a indagação, a dúvida e a busca de novas bases ontológicas e possibilidades metodológicas para o ato de educar. (p. 15)

Neste sentido, a “pedagogia social (PS) e a educação social (ES) devem reflectir sobre o surgimento de (novas) questões, situações e conflitos sociais humanos” (Pérez Serrano, 2003, p.43).

A educação social surgiu para resolver problemas sociais entre um determinado grupo na base de convivência intercultural, entre povos e em particular no seio da comunidade académica através de valores moral e ético.

Na relação entre a pedagogia social e a educação social, tal como afirma Trilla (2000),

Todas as pedagogias e as suas educações são sociais e entrelaçadas nas fronteiras da teoria e da práxis socioeducativa. Nessas fronteiras as redes tecnológicas submeteram a PS à renovação, fazendo emergir a ES no âmbito dos serviços sociais e das políticas sociais e culturais. (p. 2176)

Ainda a propósito da relação entre estes dois conceitos, é frequente a sua utilização de forma indistinta. Acerca da identidade e da afirmação da educação social, Carvalho (2008) refere que

é uma prática que, enquanto tal, tem incorporada uma teoria. Poderá também ser olhada como uma acção teoricamente estruturada. Numa palavra, poderemos defini-la como uma praxiologia, termo que foi amplamente utilizado pelas ciências da educação ou pelas ciências pedagógicas enquanto estas se perfilaram, após a emergência daquelas, como expressões do discurso reflexivo da prática. (pp. 31-32)

A propósito do desenvolvimento da educação social, Carvalho e Baptista (2004) referem que

prende-se, simultaneamente, com uma agudização dos fenómenos de exclusão social, com a tomada de consciência política dos mesmos e com um notório bloqueamento dos processos assistenciais e de intervenção tradicionais, a que se junta a própria evolução da investigação e da produção no domínio das ciências sociais e, complementarmente, das ciências da educação. (p. 11)

A prática da intervenção no âmbito da educação social é alicerçada no respeito pela dimensão humana. Correia et al (2014), ao refletirem sobre os desafios para a identidade profissional do educador social, afirmam que

A Educação Social reclama espaços e práticas profissionais próprios, no âmbito das equipas com quem trabalha, nos quais o educador social desenvolve as suas competências e funções segundo princípios como a dignidade da pessoa e a sua participação voluntária e responsável no seu processo de desenvolvimento. (p. 121)

É fundamental o respeito e envolvimento da pessoa no seu processo de mudança. Neste sentido Martins (2013) refere que a “educação social relaciona-se em considerar a pessoa, como um ser social irrepitível, constituída na base das possibilidades de aperfeiçoamento e socialização.

Cabe ao educador social o papel de mediador na integração do indivíduo nos diferentes ambientes ou contextos” (p. 5).

Baptista (2012) defende que os educadores sociais são

Detentores de um conhecimento sociopedagógico especializado e chamados a intervir prioritariamente junto de pessoas e grupos humanos em situação de privação, sofrimento e vulnerabilidade, os educadores sociais actuam como agentes privilegiados de condição humana, desempenhando um papel crucial na promoção de uma contemporaneidade mais justa e solidária. (p. 37)

A pedagogia e educação são interligadas aos problemas de intervenção socioeducativa no contexto escolar, do grupo, comunidade académica e a sociedade no seu todo, entre outras.

## **2.2. As possibilidades de intervenção socioeducativa**

A educação social e a intervenção socioeducativa estão ligadas a determinados objetivos. Pretende-se facilitar os problemas sociais dos indivíduos e a inclusão através de um processo de interação, socialização e a apoio às necessidades humanas.

Consideramos que para promover o desenvolvimento numa sociedade ou num grupo social é preciso criar condições para que haja igualdade de oportunidades, justiça social, inclusão social e combate a violência de género, discriminação, e assim podemos ter uma sociedade justa e sã.

Entendemos que esta é também uma questão ética. Tal como afirma Baptista (2021),

As questões éticas e morais são intrínsecas ao conhecimento sociopedagógico, determinando substantivamente a integridade profissional dos educadores sociais enquanto promotores do desenvolvimento humano vocacionados para a intervenção socioeducativa. O que é o mesmo que dizer, enquanto educadores que atuam numa pluralidade de contextos institucionais e comunitários, ajudando a construir itinerários de capacitação e de realização humana singulares, numa atenção prioritária às pessoas mais vulneráveis e mais desfavorecidas. (p. 37)

A intervenção socioeducativa tem de atender à individualidade e às diferenças de cada um. Na problemática em análise, entendemos que a intervenção socioeducativa no âmbito da educação social tem de respeitar as características dos estudantes dos PALOP.

É de notar que essas características são muito diversas. Temos de considerar várias culturas, religiões, hábitos, costumes e em particular, as diferentes individualidades, personalidades, percursos e expectativas de cada um.

Neste sentido, Vieira e Vieira (2016) referem que “o educador social é, necessariamente, também um investigador dos outros, das outras culturas, de si próprio do quadro ético da sua profissão mas, também, da cultura da alteridade que implica uma abordagem émica e, por isso mesmo, antropológica” (p. 88).

Ao tratarmos as questões de inclusão e de intervenção, é fundamental também situar a educação social numa perspectiva social e cultural.

Esta problemática aproxima a relação entre a educação escolar e a educação social. Tal como afirmam Souza e Catani (2016),

A integração da educação escolar com educação social é, portanto, possível, mas dependerá, a princípio, da disposição dos professores e gestores de entrar em contato com a realidade circundante, de encontrar os educadores sociais do território, de mapear os espaços de aprendizagem da localidade e, finalmente, de forma coletiva, de se formar mutuamente e formar seus alunos para a actuação sociopolítica, transversalidade pelo conceito de multiculturalismo, implicando no estabelecimento do diálogo nas diferenças, no exercício da tolerância e na construção de uma sociedade que atenda aos anseios da coletividade. Dependerá, ainda, de alterações na legislação vigente e de políticas públicas que estimulem e valorizem esse encontro. (p. 63)

Entendemos que este é um desafio, mas que é viável a intervenção socioeducativa neste contexto, podendo o educador social, numa ação concertada com outros intervenientes, contribuir para o desenvolvimento pessoal, académica e profissional, bem como para a inclusão social dos estudantes dos PALOP, em particular. Reconhecemos aqui as características que Taborda e Dias (2015) referem, nomeadamente,

O Educador Social é um técnico da relação, multifacetado, que prima por melhorar os relacionamentos dos sujeitos que se configuram na sua população-alvo, ajudando-os nos seus projetos de vida, promovendo as suas competências pessoais e sociais, facilitando a sua inclusão social, mediando situações de conflito consigo e com os outros e trabalhando numa ótica preventiva contra fenómenos de exclusão social. (p. 397)

As instituições devem promover iniciativas concretas e projetos, no terreno. Novo, Prada e Bergano (2019) realizaram um estudo sobre empatia etnocultural em estudantes do ensino superior, tendo afirmado que

A presente investigação oferece um contributo importante, pois permite identificar determinadas questões sobre a etnoculturalidade e com as quais as IES [instituições de ensino superior] se têm confrontado, sobretudo, nos últimos anos devido ao aumento da diversidade cultural de estudantes através dos programas de mobilidade e dos fenómenos migratórios. (p. 2637)

Importa intervir sobre estas situações e as questões sobre a etnoculturalidade. A título de exemplo, referimos um projeto de integração de jovens PALOP (Branquinho, Fachada, Gonçalves, Vaz, & Aguiar, 2018).

É ainda de referir um estudo sobre os percursos escolares dos alunos afrodescendentes e a sua inclusão social no ensino superior. Seabra (2016) refere que,

Quer a inserção no ensino superior, quer o percurso escolar anterior, revelaram uma diversidade significativa de experiências, condições institucionais e reconhecimentos. Os percursos apresentam-se como tendencialmente, mas não exclusivamente, irregulares, nem sempre marcados pelo sucesso. (p. 192)

Neste sentido, ganham destaque as potencialidades da intervenção socioeducativa, em articulação com os contextos de educação não formal, informal e formal.

## **Capítulo II - Investigação Empírica**

Neste capítulo analisa-se a metodologia e questões éticas técnica, a importância da formulação de problema e dos objetivos deste estudo, técnicas e recolha de dados, guião de entrevista, categorias, subcategorias e indicadores, caracterização do grupos de participantes, bem como a apresentação, análise e discussão dos resultados.

### **1. Metodologia e questões éticas**

As decisões metodológicas abrangem vários procedimentos. O investigador delimita a forma mais correta de proceder, adquirindo assim respostas e atendendo ainda aos procedimentos éticos/legais.

Fortin (2009) refere que após determinar a forma de proceder, é realizada a escolha da metodologia de investigação por parte do investigador, ou seja, é determinado o tipo de estudo a desenvolver.

A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, com base na análise de conteúdo. Segundo Amado (2017), esta consiste num

Processo empírico utilizado no dia-a-dia por qualquer pessoa, enquanto leitura e interpretação. Mas, para se tornar numa metodologia de investigação científica, tem de seguir um conjunto de passos que lhe dão o rigor e a validade. Além disso, consiste numa técnica muito dependente do treino, persistência e experiência do investigador. É consensual a aceitação de que estamos diante de um processo adequado à análise de dados qualitativos, em que o investigador quer apreender e aprender algo a partir do que os sujeitos da investigação lhe confiam, nas suas próprias palavras, ou que o próprio investigador regista no seu caderno de campo

durante uma observação participante, ou, ainda, a partir de documentos escritos para serem analisados ou retirados de qualquer arquivo. (p. 350)

Esta análise incidiu sobre as respostas dos participantes no estudo (grupo de jovens guineenses no ensino superior politécnico), recorrendo à técnica do inquérito por entrevista.

Foi elaborado um guião de entrevista para esse efeito, sendo enviado um pedido de autorização para realizar a investigação (consultar anexo 1) a uma instituição do ensino superior politécnico.

Após a obtenção do deferimento, a investigadora contactou os potenciais participantes, sendo selecionados de acordo com os seguintes critérios de conveniência:

- i) ter nacionalidade da Guiné-Bissau;
- ii) ser estudante de uma instituição do ensino superior politécnico português.

Foi ainda elaborado um termo de consentimento livre e informado (consultar anexo 2). De forma a respeitar o anonimato dos participantes, procedeu-se a um processo de codificação. Assim sendo, foi atribuído um código de natureza alfanumérica, correspondendo a letra P a e um número a cada um dos participantes (P1, P2, ..., P30).

Todas as referências à instituição em particular foram ocultadas ou substituídas por “instituição do ensino superior politécnico”. Para garantir o anonimato dos entrevistados, foi ocultada a identificação dos cursos frequentados na própria instituição de ensino superior politécnico.

## **2. Formulação de problema e objetivos de estudo**

O problema em estudo é relevante porque está relacionado com o percurso académico, de diferentes estudantes vindos de diferentes PALOP, em particular de jovens guineenses no ensino superior politécnico.

Neste sentido ainda existe dificuldade em aceitar e respeitar as diferenças e compreender hábitos e costumes, de acordo com sociedade atual. Pode haver ato de racismo e discriminação em várias situações, dificuldades e desafios adicionais com os quais estes estudantes se deparam.

Dáí o nosso interesse em tentar perceber como se processa a integração dos alunos de origem estrangeiras, de modo a evitar atitudes de exclusão e de desrespeito pelo que é diferente.

Uma questão é o primeiro passo para o processo de investigação, é aquela que esclarece precisamente qual a área de investigação. A questão de investigação subjacente a este estudo, em concordância com os objetivos, é a seguinte:

- De que forma um grupo de jovens estudantes guineenses percebe a sua integração no ensino superior politécnico?

Quanto aos objetivos, com esta investigação pretende-se:

- analisar a forma como um grupo de jovens estudantes guineenses percebe a sua integração no ensino superior politécnico;

- identificar os obstáculos que os jovens guineenses enfrentam no dia-a-dia e que dificultam a sua integração;

- reconhecer os fatores de proteção que influenciam a sua integração;

- identificar os apoios e outras medidas que contribuam para facilitar a integração destes jovens;

- analisar as estratégias utilizadas e refletir sobre o seu contributo para a integração dos jovens guineenses.

### **3. Técnicas e recolha de dados**

No entender de Amado (2017), a “Investigação Qualitativa tem atrás de si toda uma visão do mundo, dos sujeitos humanos e da ciência, que influencia a escolha e está presente na aplicação de qualquer técnica ou procedimento” (p. 205).

Relativamente à recolha de dados, tal como afirma Ribeiro (2021),

O processo de recolha de dados tem os seus próprios predicados e muito pode ser acautelado por um planeamento rigoroso. (...) Quando implementada corretamente, a recolha de dados aumenta a qualidade de um estudo de investigação social. (...)

Deve aceitar-se que os investigadores continuarão e que deverão procurar

assistência para enfrentar os desafios da recolha de dados à medida que estes surgirem. (p. 10)

O estudo aqui realizado trata-se de uma investigação de natureza qualitativa e a técnica utilizada para a recolha de dados foi o inquérito por entrevista. Para Amado (2017), “A entrevista é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos” (p. 207).

### **3.1. Guião de entrevistas**

Nesta investigação recorreu-se à elaboração de um guião de entrevista semiestruturada. De acordo com Amado (2017), na entrevista semiestruturada ou semidiretiva, as “questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, embora, na interacção se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado” (p. 208).

Após a elaboração do guião procedeu-se à validação por duas especialistas que leram a primeira versão e fizeram alguns comentários e sugestões incluídas na versão final do guião (consultar o anexo 3).

A recolha de dados decorreu durante os meses de junho e de julho de 2023. Foram realizadas trinta entrevistas, com uma duração média de 15 minutos. É de notar que a duração das entrevistas se deve à disponibilidade dos participantes, uma vez que o período de recolha de dados coincidiu com a época de exames dos estudantes. Para legitimar a entrevista, estas começaram com um breve diálogo, com a leitura e assinatura do termo de consentimento prévio. Pretendia-se agradecer a disponibilidade, informar e legitimar o uso do gravador, os objetivos e benefícios do estudo, garantir confidencialidade e demais direitos, bem como explicar os procedimentos. No final de cada entrevista, era perguntado se o participante queria acrescentar algum comentário ou esclarecer alguma ideia.

#### 4. Categorias, subcategorias e indicadores

O guião de entrevista contemplava categorias, elaboradas *a priori*: A. Educação no ensino superior; B. Integração/inclusão; C. Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior.

Na tabela 2, apresentamos a categoria A. Educação no ensino superior, com as três subcategorias consideradas (Subcategorias A1. Acesso; A2. Motivos; A3. Expectativas antes da entrada no ensino superior) e respetivos indicadores.

Tabela 2

*Organização da categoria A. Educação no ensino superior*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>A. Educação no ensino superior</b>	A1. Acesso	- Descrição do processo
	A2. Motivos	- Indicação dos motivos
	A3. Expectativas antes da entrada no ensino superior	- Referência às expectativas

Na tabela 3, apresentamos a categoria B. Integração/inclusão, com as quatro subcategorias consideradas (Subcategorias B1. Dificuldades; B2. Fatores de proteção; B3. Medidas de apoio; B4. Estratégias utilizadas) e respetivos indicadores.

Tabela 3

*Organização da categoria B. Integração/inclusão*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>B. Integração/inclusão</b>	B1. Dificuldades	- Indicação de dificuldades na integração - Referência à relação entre estudantes PALOP e estudantes portugueses
	B2. Fatores de proteção	- Referência a fatores de proteção
	B3. Medidas de apoio	- Referência a medidas de apoio
	B4. Estratégias utilizadas	- Indicação de estratégias utilizadas

Na tabela 4, apresentamos a categoria C. Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior, com as três subcategorias consideradas (Subcategorias C1. Vida profissional; C2. Expectativas pessoais; C3. Recomendações/propostas) e respectivos indicadores.

Tabela 4

*Organização da categoria C. Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>C. Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior</b>	C1. Vida profissional	- Referência a expectativas quanto à vida profissional
	C2. Expectativas pessoais	- Indicação de expectativas quanto à vida pessoal
	C3. Recomendações/propostas	- Indicação de recomendações - Referência a propostas

Apresentamos, em seguida, a caracterização do grupo de participantes neste estudo.

## **5. Caracterização do grupo de participantes**

Com o objetivo de recolher dados para a caracterização sociodemográfica dos participantes (jovens guineenses), foi solicitado que os participantes respondessem a perguntas acerca de alguns elementos sociodemográficos e da sua relação com o trabalho (emprego) (consultar a tabela 5). É necessário referir que ao longo deste trabalho nem sempre há coincidência das respostas com o total de participantes, uma vez que nem todas as respostas foram consideradas.

O grupo é constituído por trinta participantes, sendo vinte e dois do sexo masculino e oito do sexo feminino.

Os participantes têm idades compreendidas entre os vinte e os quarenta e quatro anos, sendo a média de idades de 30,7 anos.

Relativamente ao estado civil, os participantes são na sua maioria solteiros e apenas dois participantes são casados segundo uso e costume (união de facto). Sobre este assunto importa introduzir alguma informação. Castro Lima e Insali (2019) afirmam que

Em contrapartida, no costume tradicional guineense, o casamento é tido como um contrato entre duas famílias e não apenas entre um homem e uma mulher. São as duas famílias que se unem, formando um laço afetivo e efetivo que impede a dissolução do casamento por divórcio, independentemente da vontade dos cônjuges. O casamento mantém-se vivo mesmo que os cônjuges se separam de fato. É um código de honra oralmente estabelecido pela tradição costumeira que tem força de “lei”, fortalecendo os vínculos conjugais e familiares. O vínculo conjugal permanece latente, após a separação dos dois. E mesmo que ambos venham a contrair novas núpcias com terceiros, após a dissolução do primeiro casamento, considera-se que o primeiro casamento ainda não foi dissolvido. Esse fato pode-se concretizar, também, após a morte de um dos cônjuges. O cônjuge sobrevivente do primeiro casamento, embora separado é quem realiza todas as cerimônias, inclusive as fúnebres do primeiro parceiro. Este fato varia de etnia para etnia, demonstrando verdadeiros ritos de passagens.

Ainda no aspeto matrimonial, verifica-se que o homem africano, realiza dois ou três casamentos simultaneamente: tradicional, civil e religioso. Os casamentos: civil e religioso são sempre antecidos pela realização do casamento tradicional dos usos e costumes étnicos da mulher e, é considerado como obrigatório. Não existe nenhum homem africano casado civilmente ou religiosamente que não tenha realizado, primeiro, casamento tradicional. (pp. 151-152)

Quanto ao curso, uma vez que todos os participantes são estudantes do ensino superior (predominantemente na área da saúde, tecnologia e gestão e educação), quinze participantes estão a frequentar um curso de mestrado, onze estão a frequentar uma licenciatura e quatro estão num curso técnico superior profissional (CTESP).

Neste grupo, sete participantes estão inscritos no instituto politécnico há um ano, onze participantes estão há dois anos, sete estão há três anos, três participantes estão há quatro anos e dois participantes estão há cinco anos.

Acerca da sua relação com o trabalho (emprego), nove participantes trabalham e onze não trabalham. Na sua maioria, vinte e dois participantes têm estatuto de estudante trabalhador e nove não tem estatuto.

Quando questionados, vinte e nove participantes responderam que trabalham porque o dinheiro não era suficiente para pagar despesas. No grupo, vinte sete participantes trabalham apenas em alguns períodos (de férias) e três trabalham todo o ano.

Tabela 5

*Caracterização do grupo de participantes*

	<b>Sexo</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Curso (nível acadêmico)</b>	<b>Há quanto tempo está inscrito no instituto politécnico?</b>	<b>Também trabalha?</b>	<b>Se sim, tem estatuto de estudante-trabalhador?</b>	<b>Teve necessidade de começar a trabalhar porque o dinheiro não era suficiente para pagar as suas despesas?</b>	<b>Trabalha durante todo o ano ou só em alguns períodos?</b>
P1	F	42	Solteira	Mestrado	Há três anos	Sim	Sim	Sim	Trabalho todo ano (..)
P2	F	32	Solteira	Mestrado	Há dois anos	Não	Não	Não trabalho	Só em alguns períodos
P3	F	36	Solteira	Mestrado	Há um ano	Não	Não	Sim	Só em alguns períodos
P4	M	36	Solteiro	Mestrado	Há um ano	Sim	Não	Sim	Só alguns períodos
P5	F	26	Solteiro	Licenciatura	Há três anos	Não	Não	Sim	Só em alguns períodos
P6	M	26	Solteiro	Licenciatura	Há 4 anos	Não	Não	Sim	Só em alguns períodos
P7	M	29	Solteiro	Licenciatura	Há 2 anos	Não	Não	Sim	Só em alguns períodos
P8	M	33	Solteiro	Mestrado	Há um ano	Não	Não	Sim	Só em alguns períodos.
P9	M	44	Casado uso e costume	Mestrado	Há dois anos	Sim	Sim	Sim	Trabalho todos os anos
P10	M	39	Solteiro	Mestrado	Há dois anos	Sim	Não	Sim	Só em alguns períodos
P11	M	38	Solteiro	Mestrado	Há dois anos	Não	Não	Sim	Só em alguns períodos
P12	M	32	Solteiro	Mestrado	Há um ano	Não	Não	Sim	Só em alguns períodos
P13	M	37	Solteiro	Mestrado	Há um ano	Não	Não	Sim	Só em alguns
P14	M	30	Solteiro	Licenciatura	Há três anos	Sim	Sim	Sim	Só em alguns períodos
P15	F	25	Solteira	Licenciatura	Há três anos	Não	Não	Sim	Só em alguns períodos

	<b>Sexo</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Curso (nível acadêmico)</b>	<b>Há quanto tempo está inscrito no instituto politécnico?</b>	<b>Também trabalha?</b>	<b>Se sim, tem estatuto de estudante-trabalhador?</b>	<b>Teve necessidade de começar a trabalhar porque o dinheiro não era suficiente para pagar as suas despesas?</b>	<b>Trabalha durante todo o ano ou só em alguns períodos?</b>
P16	M	32	Solteiro	Mestrado	Há dois anos	Sim	Sim	Sim	Antes era alguns períodos, agora trabalho
P17	M	29	Solteiro	Licenciatura	Há cinco anos	Não	Não	Não tenho dificuldade	Só em alguns períodos
P18	M	26	Solteiro	Licenciatura	Há quatro anos	Não	Não	Sim porque preciso ajudar a mim mesmo	Só em alguns períodos
P19	M	33	Solteiro	Mestrado	Há dois anos	Sim	Sim	Sim tenho necessidade de trabalhar	Só em alguns períodos
P20	M	29	Solteiro	Mestrado	Há dois anos	Sim	Sim	Sim porque dinheiro não é suficiente	Só em alguns períodos
P21	M	25	Solteiro	Licenciatura	Há três anos	Não	Não	Sim mas não consigo trabalho	Só em alguns períodos
P22	M	42	Casado uso e costume	Mestrado	Há três anos	Sim	Sim	Sim tenho necessidade de trab. para pagar as despesas	Só em alguns períodos temporários
P23	M	27	Solteiro	CTeSP	Há dois anos	Sim	Sim	Sim porque dinheiro não era suficiente	Só em alguns períodos
P24	M	23	Solteiro	CTeSP	Há dois anos	Não	Não	Sim tenho necessidade de trabalhar	Só em alguns períodos
P25	F	28	Solteiro	Mestrado	Há 5 anos	Sim	Sim	Sim tenho necessidade	Só em alguns períodos
P26	F	28	Solteira	Licenciatura	Há dois anos	Não	Não	Sim tenho necessidade	Só em alguns períodos
P27	M	23	Solteiro	CTeSP	Há três anos	Não	Não	Sim tenho necessidade	Só em alguns períodos
P28	M	20	Solteiro	CTeSP	Há um ano	Não	Não	Sim tenho necessidade de trabalhar	Só em alguns períodos
P29	F	24	Solteira	Licenciatura	Há quatro anos	Não	Não	Sim tenho necessidade de trabalhar	Só em alguns períodos
P30	M	28	Solteiro	Licenciatura	Há um ano	Não	Não	Sim tenho necessidade de trabalhar	Só em alguns períodos

## **6. Apresentação, análise e discussão dos resultados**

Iremos apresentar os dados recolhidos através das entrevistas realizadas, procedendo à sua análise e discussão. Esta análise incide sobre todas respostas obtidas e que constam nas tabelas em anexo (consultar os anexos 4 a 6).

Verificamos que há respostas que são comuns a vários participantes, pelo que optámos por apresentar o excerto, associando os participantes que manifestavam as mesmas ideias.

### **6.1. Análise e discussão da categoria A. *Educação no ensino superior***

A categoria Educação no ensino superior inclui três subcategorias. Com a subcategoria *Acesso*, pretende-se descrever o processo de acesso ao ensino superior. Através da subcategoria *Motivos*, pretende-se identificar os motivos para o ingresso no ensino superior. Com a subcategoria *Expectativas antes da entrada no ensino superior*, pretende-se compreender as expectativas dos jovens.

Com base nas respostas obtidas, iremos analisar a subcategoria *Acesso*. Relativamente à questão "Como foi o processo de acesso ao ensino superior português?", os participantes indicaram que o processo foi encaminhado pelo Ministério da educação da Guiné-Bissau ou que a candidatura foi preparada pelos colegas na instituição de ensino superior politécnico, como podemos verificar nos seguintes excertos:

- "(...) processo feito pelo Ministério da educação da Guiné-Bissau" (P1; P2; P6; P9; P15; P16; P18; P25);

- "(...) o processo era através da candidatura feito pelos colegas no... [instituição do ensino superior politécnico]" (P3; P5; P8; P10; P14; 20; P21; P22; P24; P26; P29).

Quanto à subcategoria *Motivos*, na pergunta “Quais os motivos que o levaram a ingressarem no ensino superior em Portugal?”, oito participantes indicaram o aumento de conhecimentos ao nível dos estudos e quatro referiram a vontade de frequentar um mestrado, conforme os excertos abaixo indicados:

- “(..) O motivo é de aumentar mais conhecimentos a nível de estudos “(P1, P3, P8, P9, P12, P14, P17, P29);

- “(...) O motivo é para fazer o mestrado; (P2, P6, P19, P22);

De uma maneira geral, os participantes indicaram motivos relacionados com a melhoria do seu nível de conhecimentos.

Acerca da subcategoria *Expectativas antes da entrada no ensino superior*, perante a pergunta “Quais eram as suas expectativas, antes de entrar ensino superior?”, nove participantes indicaram que era fazer um curso superior e mestrado e ainda quatro participantes referiram que a expectativa era aprofundar os conhecimentos na língua portuguesa, bem como aumentar os seus conhecimentos. Apresentamos os seguintes excertos:

- “A expectativa era de fazer curso superior e Mestrado” (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P22, P25, P28);

- “A expectativa era de aprofundar língua portuguesa e aumentar conhecimentos...” (P7, P8, P13, P21);

- “(..) A expectativa era de melhorar conhecimentos e novas abordagem com conhecimento científico” (P9, P12, P19);

- “A expectativa era porque [instituição do ensino superior politécnico] tem a sua qualidade máxima por isso ingressei” (P10, P29);

- “A expectativa era de um sonho... de estudar no... [instituição do ensino superior politécnico] e ser melhor no futuro” (P18, P20, P23, P24, P26, P30).

Podemos afirmar que as expectativas antes de entrar no ensino superior eram positivas para o seu futuro, baseadas no seu desenvolvimento e na melhoria de conhecimentos. Estes resultados estão alinhados com a investigação de Casanova e

Almeida (2016), uma vez que alguns estudantes vindos dos PALOP e que acedem ao ensino superior revelam lacunas na formação escolar anterior.

Assim, estes estudos referem que o nível de ensino dos países estrangeiros, aliado à articulação entre o sistema de ensino secundário destes países e o sistema do ensino superior em Portugal são alguns dos fatores que podem desencadear dificuldades no processo de integração dos estudantes dos PALOP.

## **6.2. Análise e discussão da categoria B. *Integração/inclusão***

A categoria *Integração/inclusão* inclui quatro subcategorias. Através da subcategoria *Dificuldades*, pretende-se identificar as dificuldades que os jovens enfrentam no dia-a-dia na sua integração, bem como a relação entre estudantes dos PALOP e estudantes portugueses. Com a subcategoria *Fatores de proteção*, pretende-se reconhecer os fatores de proteção aos jovens estudantes. Com a subcategoria *Medidas de apoio*, pretende-se identificar apoios e outras medidas disponibilizados aos jovens para a sua integração. Através da subcategoria *Estratégias utilizadas*, pretende-se analisar as estratégias utilizadas.

A subcategoria *Dificuldade* é referente a cinco questões. Quanto à questão “Sente-se integrado? Porquê”, os participantes apontam que sentem-se integrados, uma vez que com o apoio e esforço dos colegas, professores e comunidade em geral conseguiram interagir. Por outro lado, houve participantes que não sentiram dificuldades na integração. Podemos verificar estas ideias nos seguintes excertos:

- “Sinto-me integrado porque com apoio das colegas, comunidade e professores do... [instituição do ensino superior politécnico] e com esforços conseguimos interagir” (P2, P3, P6, P8, P9, P11, P15, P16, P17, P18, P19, P21, P22, P23, P26, P27, P28);

- “Sim, sinto-me integrado porque não sinto dificuldade na integração” (P1, P5, P20, P25, P30).

É interessante salientar que todos os participantes afirmaram que se sentem integrados.

Quanto à pergunta “O que dificulta ou dificultou a integração?”, seis participantes responderam que nada que dificultou a integração e cinco referiram que, com apoios dos colegas e com o passar do tempo, a comunicação e atenção melhoraram, tal como apresentamos os excertos abaixo indicados:

- “Não tenho nada que me dificulta na integração porque tenho apoios das colegas, mas com tempo, comunicação e atenção melhorou” (P3, P12, P17, P26, P29);
- “Não tenho nada que me dificulta na integração” (P1, P5, P7, P18, P25, P29);
- “Sinto um pouco no início a nível do ensino é diferente” (P4, P19, P30).

De modo geral, os participantes referem que não sentiram dificuldades e que mesmo que possam ter sentido algumas dificuldades no início, a situação foi melhorando, sentindo-se integrados.

Perante a pergunta “Se já se sentir integrado, como ultrapassou essas dificuldades?”, doze entrevistados responderam que com ajuda da comunidade, de colegas da turma e com esforço, conseguiram ultrapassar as dificuldades. Também cinco participantes responderam que ultrapassaram as dificuldades através das interações com colegas e professores. De seguida, apresentamos os excertos:

- “Conseguí ultrapassar dificuldade através da interação com minhas colegas e meus professores” (P1, P5, P9, P11, P25);
- “Conseguí com ajuda da comunidade e colegas da turma que me apoiaram bastante e com esforço que eu tive” (P2, P3, P6, P7, P12, P13, P14, P15, P16, P17, P24, P29);
- “Não ultrapassei todas as dificuldades” (P28, P30).

De forma particular, os participantes mostram a maneira como ultrapassaram dificuldades, destacando-se o apoio dos colegas, da comunidade e a interação com professores.

Face à pergunta “O que poderão ser as dificuldades para a integração?”, cinco participantes indicaram o fator económico, alojamento, domínio da língua e conhecimentos

de informática. Quatro participantes responderam que não sentiram dificuldades. Apresentamos os seguintes excertos:

- “Fatores económico, alojamento, língua e informática” (P13, P16, P20, P24, P25);
- “Não sinto dificuldade por isso não tenho fatores de dificuldades” (P1, P5, P27, P29);
- “Pouca relação entre estudantes portugueses e dos PALOP” (P4, P17).

De uma maneira geral, como fatores que podem dificultar a integração, os participantes indicaram fatores de carácter financeiro, domínio da língua portuguesa e da informática. É ainda de referir a pouca relação entre estudantes portugueses e dos PALOP.

Quando diretamente questionados se “sente dificuldades na relação entre estudantes dos PALOP e estudantes portugueses?”, cinco participantes responderam que não sentiam dificuldades nessa relação porque gostam de interagir. Quatro entrevistados responderam que sentem dificuldades quanto ao pagamento de propinas; com tudo iremos apresentar nos seguintes excertos:

- “Não sinto dificuldade na relação entre estudantes dos PALOP e estudantes português porque gosto de interagir” (P3, P5, P6, P17, P22);
- “Sim, teve pouca relação porque estudantes portugueses falam entre eles e até no trabalho” (P4, P9, P16, P28, P29);
- “Sinto dificuldade na relação entre estudantes portugueses e estudantes dos PALOP em termos de pagar propinas” (P8, P14, P25, P27);
- “Não sinto dificuldade na relação porque é uma relação dos estudantes que me deram total apoio” (P1, P20, P23).

Os participantes consideram que a relação entre estudantes portugueses e estudantes dos PALOP é baseada no gosto por interagir.

A subcategoria *Fatores de proteção* é relativa à questão “O que pode facilitar a integração?”, cinco participantes indicaram que a comunicação e o diálogo são fundamentais. Quatro dos participantes responderam que ter relação e a partilha de conhecimentos com as pessoas facilita a integração, conforme se pode verificar nos excertos abaixo indicados:

- “Diálogo, comunicação para interagir e interação, comunicação é fundamental” (P12, P20, P21, P29, P30);

- “Ter boa relação com as pessoas e toda comunidade, e partilha de conhecimentos” (P1, P5, P8, P14);

- “Sensibilização entre alunos, ter gabinete de ação social para estudante no sentido de aproximação” (P4, P19);

- “Ser humilde tentar pedir ajuda no máximo possível interação entre as comunidades” (P2, P3);

- “Língua é fator fundamental para relacionamento da Guiné-Bissau é mais leve do que do Portugal” (P10, P28);

- “Receção dos recém-chegados, participar na atividade escolar isso ajuda na integração” (P17, P22).

Como fatores que podem facilitar a integração, os participantes indicaram a sensibilização, o diálogo e a comunicação como fundamentais, desde a sua receção.

A subcategoria *Medidas de apoio* é relativa a seis questões. Na pergunta “Sente-se apoiado? De que forma”, cinco dos participantes responderam que sentem apoio (alimentação e vestuário) e três responderam que não receberam nenhum apoio, tal como iremos evidenciar nos seguintes passos:

- “Sim, apoio de Cáritas, alimentos e roupas e da escola e não das colegas” (P7, P14, P17, P22, P29);

- “Sim, apoio económico moral e psicóloga dando orientação” (P11, P12, P23);

- “Não recebi nenhum apoio” (P5, P24, P20);

- “Sim, explicação dos professores com matérias, não financeiro” (P4, P9, P16);

- “Sim, apoio dos meus pais e colegas” (P18; P25; P28).

Podemos afirmar que há participantes que receberam apoios de diferentes tipos para recomeçar a vida, o que mostra que a maioria se sente apoiada, tendo melhorado bastante a vida dos estudantes.

Perante a pergunta “Como estudante recebeu alguns apoios? Quais”, oito dos participantes responderam que não receberam nenhum apoio e cinco responderam que

receberam apoio da Cáritas e do banco alimentar. Iremos apresentar de os seguintes excertos:

- “Não recebi nenhum apoio” (P9, P16, P20, P22, P26, P27, P29, P30);
- “Apoio de Cáritas e banco alimentar” (P5, P8, P15, P23, P24);
- “Sim, dos colegas professores a nível da roupa e alimentos” (P1, P2, P3).

Tal como se pode constatar, alguns participantes referem que receberam apoios.

Quanto à pergunta “Quais as suas necessidades?”, nove participantes indicaram necessidades ao nível financeiro, alimentar e quatro responderam outro tipo de necessidades (de trabalho, entre outras). Iremos apresentar os seguintes excertos:

- “Necessidade financeira, renda, comida e moral” (P12, P14, P16, P23, P24, P25, P26, P27, P29);
- “As necessidades são muitas, pagar renda e escola” (P2, P4, P5, P11);
- “Há várias necessidades trabalhar para pagar despesas propina entre outros” (P9, P10, P20, P21).

De um modo geral, para os participantes, as necessidades são essencialmente a nível financeiro, de modo a assegurar o pagamento das suas despesas decorrentes da vida estudantil.

Perante a pergunta “De que tipo de apoio sente falta”, catorze participantes indicaram que sentem faltam de apoios financeiros, alimentação, alojamento e sete responderam a necessidade de disponibilizar apoio alimentar, roupa alojamento para recém-chegados, tal como apresentamos nos seguintes excertos:

- “Apoios financeiros para pagar despesas e propinas, alimentação, alojamentos é fundamental” (P4, P5, P9, P10, P11, P12, P14, P15, P16, P20, P23, P24, P25, P29);
- “Não sinto falta porque tenho quase tudo” (P1; P17; P21; P30);
- “Apoio de encorajamento familiar, alimentos, vestuários” (P8; 26; P28).

Desta forma os participantes mostraram que sentem falta de apoio financeiro, sobretudo à chegada ao país de acolhimento.

Quanto à pergunta “Tendo em conta a sua experiência, que tipos de apoios poderiam ser dados e que não sejam ainda disponibilizados?”, sete dos participantes

responderam a necessidade de apoio para os recém-chegados e cinco responderam que deveria ser disponibilizado apoio financeiro para a resolução das necessidades. Iremos apresentar os seguintes excertos:

- “Deveriam ser disponibilizados apoio alimentar, roupas, alojamentos para integração dos recém-chegados” (P1, P2, P4, P16, P24, P25, P29);

- “Poderia disponibilizar apoio financeiro para resolver a necessidade” (P8, P12, P14, P20, P26);

- “Criação de centro de emprego para alunos estrangeiros, falta de dinheiro leva alunos a desistir do curso” (P15).

Os participantes mostram que deveriam ser disponibilizados apoios financeiros para a resolução das suas necessidades. É interessante referir a atenção que deve ser prestada à situação dos estudantes estrangeiros, por exemplo ao nível do emprego ou no domínio da língua portuguesa.

Perante a pergunta “De que forma é que os estudantes poderiam ter apoio de um técnico ou um educador social?”, nove dos participantes responderam que poderia auxiliar na orientação, bem como no encaminhamento para aprofundarem competências na utilização de plataformas digitais que apoiam a aprendizagem. Ainda quatro participantes responderam que poderia apoiar no encaminhamento para apoio psicológico. Iremos apresentar os seguintes excertos:

- “Por meio de orientação e contactos na direção da escola, no uso de virtual” (P5, P7, P9, P10, P22, P23, P28, P29, P30);

- “Moralmente, psicologicamente, economicamente para desenvolver” (P8, P11, P16, P20);

- “Educador social devia estar no serviço académico para acompanhar a integração e interação dos alunos” (P2, P3, P13, P14);

- “Através do... [instituição do ensino superior politécnico] implementar projeto para dar orientação e com apoio de núcleo AEABE na integração” (P4, P5, P21, P25).

Atendendo às respostas dadas pelos participantes, um técnico ou educador social poderia fazer o acompanhamento dos recém-chegados, auxiliando na interação e procurando a resolução dos seus problemas de integração.

A subcategoria *Estratégias utilizadas* é referente a duas questões. Acerca da pergunta “Quais as estratégias que utiliza para ultrapassar as dificuldades?”, quatro participantes responderam que recorrem à coragem e à partilha de ideias, e dois dos participantes referem a aproximação da comunidade e aceitar partilhar ideias. Em seguida apresentar os seguintes excertos:

- “Estudar, coragem e partilhar ideias” (P7, P16, P17, P20);
- “Aproximar da comunidade, aceitar partilha e aprender com os próximos” (P6, P21);
- “Ter focado no que viemos procurar e trabalhar arduamente e estudar ao mesmo tempo” (P9, P15).

É interessante referir que os participantes mostraram que para ultrapassar as dificuldades, as estratégias que utilizam consistem na aproximação à comunidade, na partilha de ideias, bem como na necessidade de se focarem no estudo e nos seus objetivos.

Quanto à questão “Na sua opinião, quais as estratégias que podem promover a integração?”, seis dos participantes indicaram a comunicação e a interação na comunidade para a resolução de problemas e quatro referiram que a aproximação e boa relação entre alunos e professores pode favorecer a integração. Apresentamos os seguintes excertos:

- “Comunicação e diálogo, interagir com colegas fazer contacto para integração na comunidade, daí que aparece solução de qualquer problema” (P3, P7, P8, P11, P12, P17);
- “Criação de aproximação e boa relação no encontro entre alunos e professores nos conhecimentos da integração dos alunos já integrados” (P14, P15, P22, P23);
- “Através de atividades desportivas. interculturais e científicas” (P13, P28, P30).

De uma forma geral, os participantes mostraram que se pode promover a integração através da comunicação, da interação com colegas e professores e com a criação de um espaço intercultural. Estes resultados estão de acordo com a investigação de Pires (2000).

Num estudo realizado por Jardim (2013) afirma-se que essa investigação concluiu que, em qualquer destas três gerações de estudantes, os familiares que ficaram no país de origem tiveram um papel preponderante na formação superior destes indivíduos, prestando-lhes apoio económico. Quanto aos pressupostos da escolha do país, um dos

fatores que pesou na escolha foi essencialmente o facto de terem família ou amigos que podiam prestar ajuda na fase em que estes chegaram aos países de destino.

### **6.3. Análise e discussão da categoria C. *Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior***

A categoria Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior inclui três subcategorias. Com a subcategoria *Vida profissional*, pretende-se analisar as expectativas quanto à vida profissional. Através da subcategoria *Expectativas pessoais*, pretende-se identificar os desafios vivenciados. Com a subcategoria *Recomendações/propostas*, pretende-se propor recomendações.

A subcategoria *Vida profissional* inclui duas questões. Quanto à questão “Relativamente à vida profissional, o que espera vir a concretizar no futuro?”, os participantes indicarem que depois de terem terminado o mestrado pretendem trabalhar na área e enfrentar os desafios. É de referir o espírito empreendedor, para serem empresários e trabalharem por conta própria. Apresentamos os seguintes excertos:

- “Pretendo terminar mestrado e trabalhar na minha área e enfrentar os desafios” (P2, P3, P11, P12, P15, P17, P19, P24, P29);
- “Pretendo ser empresário e trabalhar na conta própria” (P4, P21, P30).

Para a sua vida futura, os participantes indicaram que pretendem terminar o curso e começarem a trabalhar.

Quanto à pergunta “Pretende trabalhar em Portugal ou noutro país?”, nove participantes responderam que pretendem trabalhar nos seus países e quatro participantes responderam que vão trabalhar em Portugal e depois noutro país. Apresentamos os seguintes excertos:

- “Pretendo trabalhar no meu país e a minha contribuição é essencial e fundamental” (P2, P4, P5, P7, P8, P9, P10, P11, P13, P14, P15, P16, P17, P20, P22, P23, P26, P28, P29);

- “Prefiro trabalhar em Portugal, depois noutro país” (P1; P3; P25; P30):

- “Há vários desafios para a frente” (P12; P24).

De um modo geral, as respostas dadas pelos participantes dividem-se entre trabalhar em Portugal e no seu país de origem.

A subcategoria *Expectativas pessoais* é relativa à pergunta “Que desafios sente na sua vida por ser estudante dos PALOP?”, três dos participantes responderam que são enormes, tal como evidenciamos nos seguintes excertos:

- Desafios deixar a minha filha, meu irmão, os meus pais e meu marido para vir cá é um desafio que estou a enfrentar” (P1, P2, P3);

- “Desafios são enormes em termos de conseguir visto, não é fácil, e desafios de língua portuguesa e socioeconómico” (P4, P5, P7);

- “São enormes no relacionamento, a Guiné-Bissau é um país de baixo nível em relação a Cabo-Verde” (P10).

As respostas evidenciam sobretudo os desafios relacionados com os laços familiares e com situações relativas ao seu processo de integração.

A subcategoria *Recomendações/propostas* é relativa a duas questões. Quanto à pergunta “Considera que os problemas podem ser minimizados? De que forma?”, os participantes evidenciaram a boa relação entre alunos, com apoio da instituição de ensino superior politécnico, a associação de estudantes, a necessidade de diálogo e o cumprimento dos compromissos, tal como apresentamos nos excertos abaixo indicados:

- “Sim, através de uma boa relação entre alunos e com apoio de... [instituição do ensino superior politécnico] associação dos estudantes dos PALOP” (P4, P6, P30);

- “Sim, podem ser minimizados, criar equipa de colegas para quem precisa, problemas tem que ser discutidos e a certados os pontos é mais viável” (P10, P18);

- “Diálogo, devem ser abordados e cumpridos na prática o que está em causa” (P11, P12, P24);

- “Questão financeira, residência para alunos, estudante que gosta de aprender e fazer” (P16, P17);

- “Coragem, força, fé, cabeça erguida porque um dia vai vencer a batalha” (P20, P26);

- “Sim, participar como mentor académico” (P21).

É interessante notar que os participantes referem medidas concretas (por exemplo, equipas de colegas, residências), mas também indicam características pessoais que podem ajudar a ultrapassar as dificuldades.

Quanto à pergunta “No seu ponto de vista, o que poderia ser diferente para melhorar o processo de integração?”, três participantes indicaram o apoio do núcleo de estudantes na integração dos recém-chegados ou a negociação entre Guiné-Bissau e a instituição de ensino superior politécnico, para facilitar os procedimentos burocráticos (visto). Iremos apresentar os seguintes excertos:

- “Núcleo de estudantes procura mais novos ingressos na forma de ajudar para poder integrar bem no sistema do ensino e no relacionamento entre alunos e professores” (P14, P24, P29);

- “Criar infraestruturas nas zonas mais precárias do país” (P15);

- “Através de negociação, diálogo entre governo da Guiné-Bissau e... [instituição do ensino superior politécnico]” (P16, P30);

- “[instituição do ensino superior politécnico] deve trabalhar mais nas redes sociais, publicar as páginas para informação a toda comunidade” (P18);

- “Criação de gabinete de apoio para integração e espaço de interação e vontade de fazer algumas coisas” (P19, P20);

- “Dar apoio a esta instituição e fazer forma de atendimento entre professores e alunos com a secretaria, facilita o processo” (P21, P22);

- “Núcleo disponibilizar pessoas para receção dos recém-chegados que vai orientar na integração” (P23, P25, P26).

Face às respostas obtidas, salientamos a necessidade de articulação entre a Guiné-Bissau e Portugal, bem como a receção aos estudantes recém-chegados. É de notar a

referência a colegas e professores, a associação de estudantes, núcleos e gabinetes de apoio. Estes resultados estão alinhados com Coutinho et al (2021), ao reconhecer que o ensino superior é um espaço privilegiado para a formação intercultural dos futuros técnicos e profissionais. Podemos aqui referir a intervenção do educador social (por exemplo, pode trabalhar nestes gabinetes prestando apoio aos recém-chegados).

## **Considerações finais**

Esta investigação centra-se na temática da inclusão de jovens guineenses no ensino superior politécnico a partir da perceção de um grupo de estudantes. Iremos apresentar as principais conclusões perante cada um dos objetivos formulados.

Quanto ao primeiro objetivo - analisar a forma como um grupo de jovens estudantes guineenses percebe a sua integração no ensino superior politécnico, podemos afirmar que, atendendo às situações atuais que enfrentam, há vários desafios na integração académica à chegada, apesar de todos os esforços dos colegas e da comunidade: No entanto, sentem dificuldades, ao nível do alojamento, financeiras e no domínio da língua portuguesa, bem como na relação com os estudantes portugueses, entre outras.

Relativamente ao segundo objetivo - identificar os obstáculos que os jovens guineenses enfrentam no dia-a-dia e que dificultam a sua integração, podemos afirmar que os estudantes afirmam que enfrentam várias dificuldades na integração, constituindo um desafio para a sua vida académica. Nesse sentido relatam a necessidade e a importância das instituições de ensino superior politécnico apoiarem os estudantes oriundos dos PALOP.

Quanto ao terceiro objetivo - reconhecer os fatores de proteção que influenciam a sua integração, podemos afirmar a partir da investigação desenvolvida, que foi possível perceber que em alguns casos os estudantes questionam vários fatores entre eles, a relação dos estudantes, dificuldades financeiras e outras. No entanto há fatores de proteção, como a capacidade de interação com os colegas, os professores e a comunidade que facilitam a integração.

Quanto ao quarto objetivo - identificar os apoios e outras medidas que contribuam para facilitar a integração destes jovens, podemos afirmar que na sua maioria, os estudantes reconhecem ter recebidos diferentes apoios. Afirmam ainda a importância da interação com as pessoas, uma vez que a comunicação facilita a integração dos jovens estudantes dos PALOP.

Relativamente ao quinto objetivo - analisar as estratégias utilizadas e refletir sobre o seu contributo para a integração dos jovens guineenses, podemos afirmar que os estudantes referem a coragem e a partilha de ideias com os colegas, a necessidade de se focarem nos objetivos e trabalharem.

Retomamos a questão-problema: De que forma um grupo de jovens estudantes guineenses percebe a sua integração no ensino superior politécnico? Face à questão de investigação subjacente a este estudo, que foi formulada em concordância com os objetivos, podemos afirmar que, com base nas respostas obtidas, os estudantes guineenses percebem a integração no ensino superior politécnico como um desafio ao nível académico, que não é fácil de ultrapassar. À chegada enfrentam vários problemas, em particular, dificuldades na relação com as matérias estudadas, no domínio de língua portuguesa, na interação com as culturas diferentes, no alojamento e problemas financeiros. Apesar disso, salientam o apoio de colegas e da comunidade académica, fundamentais para a promoção da sua integração.

Como limitações desta investigação, apesar de ter sido uma opção metodológica, podemos referir que o facto de as categorias e as subcategorias de análise terem sido criadas à partida, o que determinou a dificuldade na integração das respostas em categorias mutuamente exclusivas.

É ainda de referir a dificuldade em encontrar informação que relacionasse as temáticas da integração neste contexto, com a intervenção socioeducativa e o papel do educador social.

Outra limitação refere-se à impossibilidade de contactar novos estudantes, sendo que esse era um propósito da nossa investigação.

Com esta investigação, compreendemos que existem muitas questões em torno da integração destes estudantes na comunidade académica e que devem ser investigadas, como por exemplo, realizar uma investigação semelhante com novos estudantes PALOP, oriundos não só da Guiné-Bissau, mas também de outros países.

Como pista para futuras investigações, lançamos o desafio para um estudo sobre os benefícios da intervenção socioeducativa para a melhoria da qualidade de vida destes estudantes. Porém, este estudo poderá ter continuidade através de uma análise mais aprofundada dos resultados e da sua discussão.

## Referências

- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316.2/35271>
- Baptista, I. (2008). Pedagogia Social: Uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de acção. *Cadernos de Pedagogia Social*, n.º 2, 7-30. <http://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2008.1922>
- Baptista, I. (2012). Ética e Educação Social – interpelações de contemporaneidade. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria*, 19, pp. 37-49. <http://hdl.handle.net/10400.14/13454>
- Baptista, I. (2021). Integridade profissional e conhecimento ético. In Rosanna Barros & António Fragoso (Eds.). *Investigação em Educação Social. Prática e reflexão*. Vol. II. Universidade do Algarve, pp. 37-43. [https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/14974/1/EBook\\_MES-Vol%20II%20-%202021.pdf](https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/14974/1/EBook_MES-Vol%20II%20-%202021.pdf)
- Barros, R. (2018). Transpor fronteiras como *modus operandi* para uma educação social transformadora. In R. Barros & F. de Almeida. (Eds.). *Investigação em Educação Social – prática e reflexão*. Universidade do Algarve, pp. 13-31. <http://hdl.handle.net/10400.1/11020>
- Bergano, S., Novo, R., Prada, A. (2020). PALOP students in higher education: the necessary paths of access to academic success. In B. Merrill; C.C. Vieira; A. Galimberti; A. Nizinska (Eds.) *Adult education as a resource for resistance and transformation: voices, learning experiences, identities of student and adult educators*. Coimbra: Universidade de Coimbra. p. 215-222. <http://hdl.handle.net/10198/25622>
- Branquinho, R., Fachada, I., Gonçalves, V., Vaz, P., & Aguiar, C. (2018). INTEGRA(-TE): um projeto de integração de jovens PALOP através de ações científicas,

- empreendedoras e multiculturais. *EDUSER: revista de educação*, Vol 10(1), 33-48.  
<http://hdl.handle.net/10198/17803>
- Camões I.P. (2023). *O Projeto de Apoio à Consolidação do Estado de Direito (PACED)*.  
<https://www.paced-paloptl.com/paced/quem-somos/mais-sobre-a-cooperacao-palop-tl-ue>
- Candeias Martins, E. (2020). Pedagogia/educação social nas (novas) práticas socioeducativas: osmose do “encontro” e da convivência na intervenção. *Mal-Estar e Sociedade* (UEMG-Brasil), Vol. 10, nº 1, p. 1-22.  
<http://hdl.handle.net/10400.11/8118>
- Carrera S. & Geyer F. (2009). EU Policy on Education: The Impact on the Social Inclusion of Vulnerable Groups, CEPS Special Report. [http://aei.pitt.edu/14573/1/Included\\_EU\\_Policy\\_on\\_Education.pdf](http://aei.pitt.edu/14573/1/Included_EU_Policy_on_Education.pdf)
- Carvalho, A. D. & Baptista, I. (2004). *Educação Social. Fundamentos e estratégias*. Coleção Educação e Trabalho Social, nº 1. Porto Editora.
- Carvalho, A. D. (2008). Estatuto antropológico e limiares epistemológicos da educação social. *Cadernos de Pedagogia Social* 2, 31-43.  
<https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2008.1923>
- Casanova, J. R. & Almeida, L. S. (2016). Dificuldades antecipadas pelos estudantes na transição para o ensino superior. In Casanova, J.; Casanova, C.; Almeida, L. S. (Eds.). *Livro de Atas do IV Seminário Internacional Cognição, Aprendizagem e Desempenho*. p. 226-234. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd).
- Casanova, M. J. (2005), (I)Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas, *Revista Ensaio*, 13(47), 181-216.
- Castro Lima, M. J. P., & Insali, V. (2019). História da codificação do Direito Civil em Guiné-Bissau. *Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Direito*, 29(1).  
<https://doi.org/10.9771/rppgd.v29i1.32703>

- César, M. (2003). A escola inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos para todos. In David Rodrigues (Org.), *Perspectivas sobre a inclusão. Da educação à sociedade*. Porto Editora.
- Chintoan-Uta, B. (2014). *Integração escolar e discriminação de alunos estrangeiros em Portugal e na Roménia, no ensino universitário*. (Tese de mestrado não publicada), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Correia, M. F. B., Martins, T., Azevedo, S., J. L. O, & Delgado, J. P. F. (2014). A Educação Social em Portugal: novos desafios para a identidade profissional, *Revista Interfaces Científicas – Educação* 3, 1: 113-124. <http://hdl.handle.net/10400.22/6384>
- Costa, L. & Oliveira, M. (2010). *Vivências e satisfação académica em alunos do ensino superior. Um estudo na Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra*. In: DOI: <https://doi.org/10.24115/S2446-6220202061719p.47-60>
- Coutinho, E. de C., Oliveira, A. P., Reis, C. M., Oliveira, I. R. C., Maltez, L. de A., Osório, S. M. P., Parreira, M. V. B. de C., Nelas, P. A. de A. B., Chaves, C. B., Duarte, J., Antunes, S., & Santos, P. M. dos. (2021). A inclusão dos estudantes na academia como um desafio à interculturalidade. *REVES - Revista Relações Sociais*, 4(2), 12532–01. <https://doi.org/10.18540/revesv4iss2pp12532-01-17e>
- Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) (2023a). *Perfil do Aluno 2021/2022*. [https://www.dgeec.mec.pt/np4/estatglobal/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=308&fileName=DGEEC\\_DSEE\\_2023\\_PERFIL\\_DO\\_ALUNO\\_2122.pdf](https://www.dgeec.mec.pt/np4/estatglobal/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=308&fileName=DGEEC_DSEE_2023_PERFIL_DO_ALUNO_2122.pdf)
- Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) (2023b). *Tabelas de dados do Ensino Superior. Dados sobre inscritos e diplomados. Inscritos no ano letivo 2021/2022*. <https://www.dgeec.mec.pt/np4/235/>
- Doutor, C. & Alves, N. (2020). *Estudantes dos PALOP no ensino superior português: conquistas e desafios académicos*. [https://www.researchgate.net/publication/339435885\\_Estudantes\\_dos\\_PALOP\\_no\\_ensino\\_superior\\_portugues\\_conquistas\\_e\\_desafios\\_academicos](https://www.researchgate.net/publication/339435885_Estudantes_dos_PALOP_no_ensino_superior_portugues_conquistas_e_desafios_academicos)

- Doutor, C., Marques, J. F., & Ambrósio, S. (2018). *A cor da pele no Ensino Superior: experiências de racismo no quotidiano dos estudantes provenientes dos PALOP em Portugal*. <http://hdl.handle.net/10773/26494>
- EUROCID (2013). *Glossário. Termos-chave nas relações UE-lusofonia*. <https://eurocid.mne.gov.pt/ue-lusofonia/glossario#toc--frica-cara-bas-e-pac-fico-acp->
- Ferreira, F. & Fernandes, P. (2015). Fatores que influenciam o abandono no ensino superior e iniciativas para a sua prevenção: o olhar de estudantes. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 45, p. 177-197. <https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC45Ferreira.pdf>
- Fortin, M.F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lusodidacta.
- Gohn, M. da G. (2011). Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira De Educação*, 16(47), 333–361. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>
- Jardim, B. (2013). *Estudantes PALOP no Ensino Superior Português – das Necessidades Sentidas aos Apoios Prestados*. Dissertação. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade Técnica de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6174/1/A%20Tese.pdf>
- Luciak, M. (2004). *Migrants, Minorities and Education*. Luxembourg: European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia.
- Martins, E. (2013). A Pedagogia social/Educação social nos meandros da comunidade e da escola. *Educare educere*. ISSN eletrónico e2183-1211. Ano 15, 2ª série, n.º 1, p. 5-24. <http://hdl.handle.net/10400.11/2654>
- Novo, R., Prada, A., & Bergano, S. (2019). Empatia etnocultural em estudantes do ensino superior. In Manuel Peralbo; Alicia Risso; Alfonso Barca; Bento Duarte; Leandro Almeida; Juan Carlos Brenlla (Eds.) *XV Congreso Internacional Gallego-Portugués de Psicopedagogía: actas*. Corunha: Universidade da Corunha. p. 2629-2640. ISBN 978-84-9749-726-8

- Pires, H. S. (2000). Estudantes dos PALOP no Ensino Superior português. *PSICOLOGIA*, 14(2), 149–157. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v14i2.507>
- Prada, A., & Novo, R. (2021). Discriminação no quotidiano: vivências estudantis. In *XVI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/24603>
- Ribeiro, J. (2021). O incontornável dilema da coleta de dados. Em Patrícia Sá, António Pedro Costa e António Moreira (Orgs.). (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados* (Vol. 2). UA Editora - Universidade de Aveiro. [https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias%20investigacao\\_Vol2\\_Digital.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias%20investigacao_Vol2_Digital.pdf)
- Rocha, E., Silva, H., Carvalho, O., Galinha, S., & Machado, C. (2021). Perceções dos Docentes sobre Inclusão na Educação: Um Estudo no Norte, Centro e Sul de Portugal. In Galinha, S. A. (Coord.) *Bem-estar, Educação e Direitos da Criança. Coleção CO3 Co-Construir Comunidades*, Vol. I. (pp.135-156). JOIA. <http://hdl.handle.net/11328/3798>
- Romero, P. (2017). *Multiculturalismo: Diversidade Cultural na Escola*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa. Universidade Fernando Pessoa.
- Sanches, I. & Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação*. 63-83. [https://www.researchgate.net/publication/262481430\\_Da\\_integracao\\_a\\_inclusao\\_escolar\\_cruzando\\_perspectivas\\_e\\_conceitos/link/56eff7cd08ae52f8ad7f862e/download](https://www.researchgate.net/publication/262481430_Da_integracao_a_inclusao_escolar_cruzando_perspectivas_e_conceitos/link/56eff7cd08ae52f8ad7f862e/download)
- Seabra, T. (Coord). (2016). Caminhos escolares de jovens africanos (PALOP) que acedem ao ensino superior. *Estudos 57*. Edição: Alto-Comissariado para as Migrações I.P. (ACM, I.P.) [https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/ESTUDO+57\\_web.pdf/704c1ae4-adc6-4858-9851-d4a45f602095](https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/ESTUDO+57_web.pdf/704c1ae4-adc6-4858-9851-d4a45f602095)

- Silva, A. (2022). *Inserção Laboral no Mercado Nacional de Jovens Imigrantes Oriundos dos PALOP: O Caso da Guiné-Bissau e Cabo-Verde*. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/24642>
- Souza, R. T. M. & Catani, A. M. (2016). Educação escolar e educação social: uma interação a favor da cidadania. *Revista Trama Interdisciplinar*, São Paulo, v. 7, n. 3. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9388>
- Taborda, M., & Dias, P. C. (2016). A práxis do técnico superior de educação social em escolas TEIP. *Revista Da UI\_IPSantarém*, 3(5), 390–417. <https://doi.org/10.25746/ruiips.v3.i6.14416>
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO (2017). *A guide for ensuring inclusion and equity in education*. UNESCO. <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002482/248254e.pdf>
- Vieira R., & Vieira, A. (2016). Ética(s)e Educação Social. In A. Vieira & R. Vieira *Pedagogia Social, mediação intercultural e (trans)formações*. Profedições. <http://hdl.handle.net/10400.8/2170>

## **Anexos**

## Anexo 1 – Resposta ao pedido de autorização

Ex.mo Senhor, Diretor da Escola Superior  
de Educação [REDACTED]

Eu, Celeste Vaz Mendes, Aluno(a) nº: a46878 do  
2.º Ano, do Curso de Mestrado Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida (MES-EILV), venho por  
este meio solicitar V.ª Ex.ª :

(pedido discriminado) autorização para desenvolver os trabalhos de investigação da Dissertação  
na V/ Instituição, sob a orientação da Professora Doutora Graça Santos, na unidade curricular de DTPRE do MES-EILV.  
Trata-se de uma dissertação com o tema "A inclusão de jovens guineenses no ensino superior politécnico a partir  
da perceção de um grupo de estudantes." Os jovens participantes serão contactados pessoalmente, de modo a  
manifestarem a sua participação livre e voluntária. De acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados  
(RGPD - Regulamento 2016/679, de 27 de abril), nos trabalhos a serem desenvolvidos, não constarão os nomes  
e dados pessoais dos participantes. Anexamos a este pedido um documento, onde constam os seguintes elementos:  
questão-problema, objetivos, termo de consentimento e guião de entrevista (já validado por dois especialistas).

Contactos (preenchimento obrigatório) :

Tlm: [REDACTED] Email: celestvazm@gmail.com

Data: 09 - 05 - 2023 Assinatura: Celeste Vaz Mendes

Entrada dia: [REDACTED]

REGISTO

[REDACTED]

Dados para emissão de recibos

Nome completo: Cleste Vaz Mendes

Contribuinte: [REDACTED]

Morada completa: [REDACTED]

[REDACTED]

REGISTO

Entrada dia: 11/05/2023

Email: [REDACTED]

Autuizado  
27/05/2023

## Anexo 2 - Termo de consentimento informado

### Termo de Consentimento Informado

\_\_\_\_\_,  
declara, para os devidos efeitos, ter sido convidado/a a colaborar na investigação do trabalho de dissertação, intitulada “A inclusão de jovens guineenses no ensino superior politécnico a partir da perceção de um grupo de estudantes”, no âmbito do Mestrado em Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida, sob a orientação científica da Professora Doutora Graça Santos. Neste contexto foi-lhe fornecida oralmente informação pormenorizada sobre a investigação em causa e clarificadas as dúvidas colocadas. Tendo conhecimento sobre o plano e os objectivos da investigação, estando garantida a confidencialidade e protecção dos dados e o seu uso exclusivo neste âmbito, e tendo sido esclarecidas as questões referentes aos seus direitos enquanto entrevistado/a aceitou, de livre vontade, participar neste estudo. Face ao exposto compreende que a sua participação é voluntária, anónima e confidencial, pelo que concorda com os termos que constam neste consentimento.

Declara ainda aceitar que a entrevista seja gravada em registo áudio.

Bragança, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

Assinatura: \_\_\_\_\_

### Anexo 3 – Guião de entrevista

**Tema:** A inclusão de jovens guineenses no ensino superior politécnico a partir da perceção de um grupo de estudantes

**Questão-problema:**

De que forma um grupo de jovens estudantes guineenses perceciona a sua integração no ensino superior politécnico?

**Objetivos:**

- Analisar a forma como um grupo de jovens estudantes guineenses perceciona a sua integração no ensino superior politécnico;
- Identificar os obstáculos que os jovens guineenses enfrentam no dia-a-dia e que dificultam a sua integração;
- Reconhecer os fatores de proteção que influenciam a sua integração;
- Identificar os apoios e outras medidas que contribuam para facilitar a integração destes jovens;
- Analisar as estratégias utilizadas e refletir sobre o seu contributo para a integração dos jovens guineenses.

			<b>Objetivos</b>	<b>Questões</b>
Bloco 1	<b>Legitimação da entrevista</b>	<b>Termo consentimento informado (prévio)</b>	Agradecer a disponibilidade, informar e legitimar o uso do gravador, os objetivos e benefícios do estudo, garantir confidencialidade e demais direitos, explicar os procedimentos	
Bloco 2	<b>Dados de caracterização dos participantes</b>	Dados Sociodemográficos	Recolher dados para a caracterização sociodemográfica dos participantes	Pode falar-me um pouco sobre si? Qual é a sua idade?

			(jovens guineenses)	<p>Qual é o seu sexo?</p> <p>Qual é o seu estado civil?</p> <p>É estudante? Se sim, de que curso?</p> <p>Também trabalha?</p> <p>Se sim, tem estatuto de estudante-trabalhador?</p> <p>Teve necessidade de começar a trabalhar porque o dinheiro não era suficiente para pagar as suas despesas?</p> <p>Trabalha durante todo o ano ou só em alguns períodos?</p> <p>Há quanto tempo está inscrito no instituto politécnico?</p>
Bloco 3	<b>Categoria A. Educação no ensino superior</b>	Subcategoria A1. Acesso	Descrever o processo de acesso ao ensino superior	Como foi o processo de acesso ao ensino superior português?
		Subcategoria A2. Motivos	Identificar os motivos para o ingresso no ensino superior	Quais os motivos que o levaram a ingressar no ensino superior

				politécnico em Portugal?
		Subcategoria A3. Expectativas antes da entrada no ensino superior	Compreender as expectativas dos jovens	Quais eram as suas expectativas, antes de entrar no ensino superior?
Bloco 4	<b>Categoria</b> <b>B. Integração/inclusão</b>	Subcategoria B1. Dificuldades	Identificar as dificuldades que os jovens enfrentam no dia-a-dia na sua integração Analisar a relação entre estudantes dos PALOP e estudantes portugueses	Sente-se integrado? Porquê? O que dificulta ou dificultou a integração? Se já se sentir integrado, como ultrapassou essas dificuldades? O que poderão ser as dificuldades para a integração? Sente dificuldades na relação entre estudantes dos PALOP e estudantes portugueses?
		Subcategoria B2. Fatores de proteção	Reconhecer os fatores de proteção aos jovens estudantes	O que pode facilitar a integração?
		Subcategoria B3. Medidas de apoio	Identificar apoios e outras medidas disponibilizados aos jovens para a sua	Sente-se apoiado? De que forma? Como estudante recebeu alguns

			integração	<p>apoios? Quais?</p> <p>Quais as suas necessidades?</p> <p>De que tipo de apoios sente falta?</p> <p>Tendo em conta a sua experiência, que tipos de apoios poderiam ser dados e que não sejam ainda disponibilizados)</p> <p>De que forma é que os estudantes poderiam ter apoio de um técnico ou educador social?</p>
		Subcategoria B4. Estratégias utilizadas	Analisar as estratégias utilizadas	<p>Quais as estratégias que utiliza para ultrapassar as dificuldades?</p> <p>Na sua opinião, quais as estratégias que podem promover a integração?</p>
Bloco 5	<b>C. Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior</b>	Subcategoria C1. Vida profissional	Analisar as expectativas quanto à vida profissional	<p>Relativamente à vida profissional, o que espera vir a concretizar no futuro?</p> <p>Pretende trabalhar</p>

				em Portugal ou noutro país?
		Subcategoria C2. Expectativas pessoais	Identificar os desafios vivenciados	Que desafios sentem na sua vida pessoal por ser estudante do PALOP?
		Subcategoria C3. Recomendações/ propostas	Propor recomendações	Considera que os problemas podem ser minimizados? De que forma? No seu ponto de vista, o que poderia ser diferente para melhorar o processo de integração?
Bloco 6	<b>Finalização da entrevista</b>		Terminar a entrevista	Quer acrescentar algum comentário ou esclarecer alguma ideia?

Anexo 4 – Transcrição das entrevistas – Categoria A. Educação no ensino superior

Subcategorias	Questões	Unidades de registo
A1. Acesso	Como foi o processo de acesso ao ensino superior português?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “(...) processo feito pelo Ministério da educação da Guiné-Bissau” (P1; P2; P6; P9; P15; P16; P18; P25);</li> <li>- “(...) o processo era através da candidatura feito pelos colegas no... [instituição do ensino superior politécnico]” (P3; P5; P8; P10; P14; 20; P21; P22; P24; P26; P29);</li> <li>- “(...) o processo não foi fácil dada situação” (P3; P4; P23);</li> <li>- “É difícil mas consegui superar” (P12; P28);</li> <li>- “(...) o processo foi através da ONG não-governamental” (P17);</li> <li>- “(...) o processo foi através do meu pai” (P27);</li> </ul>
A2. Motivos	Quais os motivos que o levaram a ingressarem no ensino superior politécnico em Portugal?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “(..) O motivo é de aumentar mais conhecimentos a nível de estudos” (P1, P3, P8, P9, P12, P14, P17, P29);</li> <li>- “(...) O motivo é para fazer o mestrado; (P2, P6, P19, P22);</li> <li>- “O motivo é que o ensino é diferente, não há o curso que eu quero” (P7);</li> <li>- “O motivo era aumentar conhecimento de língua e gosto a nível do ensino” (P4, P5, P13, P18, P20);</li> <li>- “O motivo é de realizar o sonho” (P15, P23);</li> <li>- “O motivo de ingressar é a qualidade do ensino e um dos melhores em termos de desenvolvimentos” (P10, P11, P16, P21, P24, P27, P28);</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “(..) o motivo é através da vaga do ministério da educação da Guiné-Bissau” (P25);</li> <li>- “O motivo é para garantir um futuro melhor” (P26);</li> <li>- “O motivo foi a carta que o meu pai fez é motivo de eu estar aqui hoje” (P30);</li> </ul>
A3. Expectativas antes da entrada no ensino superior	Quais eram as suas expectativas, antes de entrar no ensino superior?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “A expectativa era de fazer curso superior e Mestrado” (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P22, P25, P28);</li> <li>- “A expectativa era de aprofundar língua portuguesa e aumentar conhecimentos...” (P7, P8, P13, P21);</li> <li>- “(..) A expectativa era de melhorar conhecimentos e novas abordagem com conhecimento científico” (P9, P12, P19);</li> <li>- “A expectativa era porque [instituição do ensino superior politécnico] tem a sua qualidade máxima por isso ingressei” (P10, P29);</li> <li>- “A expectativa era de um sonho... de estudar no... [instituição do ensino superior politécnico] e ser melhor no futuro” (P18, P20, P23, P24, P26, P30);</li> <li>- “A expectativa era de encontrar todas coisas fácil, é difícil no início mas tem que dar agora para todos “(P11, P17, P27);</li> <li>- “A expectativa é de ser professor do ensino básico” (P14);</li> <li>- “(..) expectativa era de tirar licenciatura e ser educador social” (P15);</li> <li>- “A expectativa era de estar preparado para desafios futuros” (P16);</li> </ul>

Anexo 5 – Transcrição das entrevistas – Categoria B. Integração/inclusão

Subcategorias	Questões	Unidades de registo
<p>B1. Dificuldades</p>	<p>Sente-se integrado? Porquê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sim, sinto-me integrado porque não sinto dificuldade na integração” (P1, P5, P20, P25, P30);</li> <li>- “Sinto-me integrado porque com apoio das colegas, comunidade e professores do... [instituição do ensino superior politécnico] e com esforços conseguimos interagir” (P2, P3, P6, P8, P9, P11, P15, P16, P17, P18, P19, P21, P22, P23, P26, P27, P28);</li> <li>- “Sinto-me integrado através dos colegas portugueses e professores” (P7, P10, P29,);</li> <li>- “Sinto-me integrado porque lido com todos os colegas e partilho ideias com professores” (P14);</li> <li>- “Sinto-me integrado através da facilidade da língua” (P4);</li> <li>- “Sinto-me integrado a nível da organização da comunidade em Bragança onde todos fazem parte” (P13);</li> <li>- “Sinto-me integrado um pouco, não é fácil mas com o tempo passou” (P12, P24);</li> </ul>
	<p>O que dificulta ou dificultou a integração?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Não tenho nada que me dificulta na integração” (P1, P5, P7, P18, P25, P29);</li> <li>- “Não tenho nada que me dificulta na integração porque tenho apoios das colegas, mas com tempo, comunicação e atenção melhorou” (P3, P12, P17,</li> </ul>

		<p>P26, P29);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sinto um pouco no início a nível do ensino é diferente” (P4, P19, P30);</li> <li>- “Não tenho nada que me dificultou a integração porque tenho apoio da comunidade e associação” (P2, P22,);</li> <li>- “Sinto dificuldade financeira e alojamento” (P9, P24);</li> <li>- “O que me dificultou é atraso na obtenção do visto na embaixada de Portugal em Guiné-Bissau” (P6);</li> <li>- “O que me dificulta é adaptação da realidade, convivência no... [instituição do ensino superior politécnico] e tentar ultrapassar as barreiras” (P8);</li> <li>- “Dificuldade é imensa porque dada a realidade diferente entre clima de Portugal e da Guiné-Bissau com empenho superei” (P10, P21, P23);</li> <li>- “O que me dificultou o sistema informático em termos de fazer trabalho e língua portuguesa” (P11, P14, P28);</li> <li>- “O que me dificultou no início, sinto, mas existe organização que facilita na integração” (P13);</li> <li>- “O que me dificultou foi por não ter conhecido a cidade de ... e conhecer muita gente” (P15);</li> <li>- “O que me dificultou foi o método de estudo é diferente e a língua melhorou” (P16);</li> <li>- “Não tenho nada que me dificultou através das colegas dos PALOP e portugueses” (P17);</li> </ul>
--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “O que me dificultou na integração vem da origem dos familiares” (P20);</li> <li>- “O que me dificultou foi da minha parte as vezes sinto um pouco tímido” (P27);</li> </ul>
	<p>Se já se sentir integrado, como ultrapassou essas dificuldades?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Consegui ultrapassar dificuldade através da interação com minhas colegas e meus professores” (P1, P5, P9, P11, P25);</li> <li>- “Consegui com ajuda da comunidade e colegas da turma que me apoiaram bastante e com esforço que eu tive” (P2, P3, P6, P7, P12, P13, P14, P15, P16, P17, P24, P29);</li> <li>- “Através da experiência que eu tive da cultura” (P4);</li> <li>- “Através do convívio com colegas de... [instituição do ensino superior politécnico] (P8);</li> <li>- “Através de trabalho para pagar as propinas” (P10);</li> <li>- “Sou homem desafiador que gosta de desafios por isso não sentem dificuldade” (P18);</li> <li>- “Com empenho dedicação amor consegui” (P19);</li> <li>- “Ter fé e continuar no estudo” (P20);</li> <li>- “Interagir com as pessoas tentar perguntar viver a cultura e adaptar o clima” (P21);</li> <li>- “Foi a colega cabo-verdiana que me ajudou no sistema no virtual” (P22);</li> <li>- “Devido a trabalho árduo” (P23);</li> <li>- “As pessoas de boa fé ajudaram no máximo para enquadramento” (P26);</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Recebi vários conselhos para interagir com colegas” (P27);</li> <li>- “Não ultrapassei todas as dificuldades” (P28, P30);</li> </ul>
	<p>O que poderão ser as dificuldades para a integração?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Não sinto dificuldade por isso não tenho fatores de dificuldades” (P1, P5, P27, P29);</li> <li>- “Com apoios das colegas desde início não sinto fatores de dificuldades” (P2);</li> <li>- “Quando não fala com as pessoas da mesma comunidade” (P3);</li> <li>- “Pouca relação entre estudantes portugueses e dos PALOP” (P4, P17);</li> <li>- “Fator económico, atraso no início de aulas, distância parental” (P6, P11);</li> <li>- “Fatores de dificuldades língua, informática e a cultura” (P14, P15, P28, P30);</li> <li>- “Fatores económico, alojamento, língua e informática” (P13, P16, P20, P24, P25);</li> <li>- “Os fatores são falta de contacto com colegas portugueses” (P7);</li> <li>- “São meio económico e relação de pessoa e instituição” (P8);</li> <li>- “Atraso na obtenção do visto leva aluno a pagar ano letivo que não estudou e alojamento” (P9);</li> <li>- “Trabalhar para pagar as despesas e propinas” (P10);</li> <li>- “Quando chega deve adaptar através da comunicação interação cultura” (P12, P21);</li> <li>- “Os fatores de dificuldade é falta de informação, não ajudam na integração” (P22);</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Os fatores são a realidade são diferentes tem que fazer máximo para adaptar a realidade” (P23);</li> <li>- “Fatores quando chega, não têm ajuda de colegas e não conhece critério da escola para enquadramento” (P26);</li> <li>- “Falta de integração interação, participação na sociedade, comunidade podem ser fatores” (P18);</li> <li>- “Vários fatores ensino diferente em termos de aprendizagem sobrevivência numa cidade onde não há trabalham” (P19);</li> </ul>
	<p>Sente dificuldades na relação entre estudantes dos PALOP e estudantes portugueses?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Não sinto dificuldade na relação entre estudantes dos PALOP e estudantes português porque gosto de interagir” (P3, P5, P6, P17, P22);</li> <li>- “Sinto dificuldade na relação entre estudantes portugueses e estudantes dos PALOP em termos de pagar propinas” (P8, P14, P25, P27);</li> <li>- “Não sinto dificuldade na relação porque é uma relação dos estudantes que me deram total apoio” (P1, P20, P23);</li> <li>- “Não porque ajudaram me em simultâneo e com apoio da minha comunidade” (P2);</li> <li>- “Sim, teve pouca relação porque estudantes portugueses falam entre eles e até no trabalho” (P4, P9, P16, P28, P29);</li> <li>- “Há diferença lido mais com os portugueses” (P7);</li> <li>- “Não há dificuldade é a mesma língua falada” (P10);</li> <li>- “Sim, existe dificuldade na relação veio de outro país com ensino diferente e</li> </ul>

		<p>cultura diferente” (P11, P15);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sim, no início mais com interação das colegas ultrapassou” (P12, P13);</li> <li>- “Não porque maiorias dos colegas são portuguesas” (P18);</li> <li>- “Existe mais não sinto porque com outros alunos de pais diferentes conseguimos ser harmonioso” (P19);</li> <li>- “Sim, com os portugueses em termos da interação” (P21);</li> <li>- “Sim, ensino diferente integrar para estar no mesmo ritmo” (P24);</li> <li>- “Sim, tenho colegas português que não chama pessoas pelo nome só africano e até houve briga” (P26);</li> <li>- “Sim, sinto porque nos comunicamos entre nos e eles entre eles” (P30);</li> </ul>
B2. Fatores de proteção	O que pode facilitar a integração?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Ter boa relação com as pessoas e toda comunidade, e partilha de conhecimentos” (P1, P5, P8, P14);</li> <li>- “Sensibilização entre alunos, ter gabinete de ação social para estudante no sentido de aproximação” (P4, P19);</li> <li>- “Diálogo, comunicação para interagir e interação, comunicação é fundamental” (P12, P20, P21, P29, P30);</li> <li>- “Ser humilde tentar pedir ajuda no máximo possível interação entre as comunidades” (P2, P3);</li> <li>- “Participação na comunidade associação e empenhar nos estudos aceitar auxílios dos outros” (P6);</li> <li>- “Escolher o meu caminho que eu escolho” (P7);</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Através do governo ajudar no alojamento” (P9);</li> <li>- “Língua é fator fundamental para relacionamento da Guiné-Bissau é mais leve do que do Portugal” (P10, P28);</li> <li>- “Esforçar dia a dia na procura de matérias e coisas que não sabe” (P11);</li> <li>- “(...) comunicação, criação de atividade recreativas intercultural científicas que facilita integração” (P13);</li> <li>- “Facilitar integração apoio dos professores e alunos de... [instituição do ensino superior politécnico] e núcleo de estudante disponibilizar pessoas na receção dos alunos” (P16, P24);</li> <li>- “Facilitar a integração devemos ser mais sociais com as pessoas exprimir as nossas necessidades (P15);</li> <li>- “Receção dos recém-chegados, participar na atividade escolar isso ajuda na integração” (P17, P22);</li> <li>- “Saber participar e interagir com a comunidade e saber falar ao meio publica saber posicionar de forma direta e indiretamente” (P18);</li> <li>- “Ser jovem humilde dinâmico e tentar cumprir de acordo com a regra de outra comunidade” (P23);</li> <li>- “Facilita incentivar os recém-chegados para estudar e fazer coisas certas” (P25);</li> <li>- “União entre alunos e participação na receção dos novos alunos” (P26);</li> <li>- “Através de intercâmbio e através de estudo em grupo” (P27);</li> </ul>
--	--	---

<p>B3. Medidas de apoio</p>	<p>Sente-se apoiado? De que forma?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sim, em todos os sentidos de colegas e em casa” (P1, P2, P3);</li> <li>- “Não” (P5);</li> <li>- “Sim, quase toda as formas, auxílio económico” (P6);</li> <li>- “Sim, apoio da Cáritas, roupa e alimentos e governo português” (P7);</li> <li>- “Através do... [instituição do ensino superior politécnico] que permite que os alunos estudassem depões pagar as propinas” (P8);</li> <li>- “Através dos professores com as matérias” (P9);</li> <li>- “Sim, apoio da escola que oferecem me trabalho e outras coisas” (P10);</li> <li>- “Sim, apoio económico moral psicológico e até este momento e orientação através das colegas” (P11, P12, P30);</li> <li>- “Sim, explicação dos professores com matérias, não financeiro” (P4, P9, P16);</li> <li>- “Não recebi nenhum apoio” (P5, P24, P20);</li> <li>- “Sim, apoio económico moral e psicóloga dando orientação” (P11, P12, P23);</li> <li>- “Sim, apoio de Cáritas, alimentos e roupas e da escola e não das colegas” (P7, P14, P17, P22, P29);</li> <li>- “Sim, apoio da escola ofereceu me trabalho e dos professores e colegas” (P10, P27);</li> <li>- “Não tenho apoio financeiro material mais profissional científico por parte dos professores” (P13);</li> </ul>
---------------------------------	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sim, apoio psicológico e governo português” (P15);</li> <li>- “Sim, apoio dos meus país e colegas” (P18, P25, P28)”</li> <li>- “Estudo partilha de conhecimento” (P21);</li> <li>- “Sim, escola, serviços académicos, com a roupa, carregar cartão, Cáritas e banco alimentar” (P26);</li> </ul>
	<p>Como estudante recebeu alguns apoios? Quais?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sim, dos colegas professores a nível da roupa e alimentos” (P1, P2, P3);</li> <li>- “Apoio de Cáritas e banco alimentar” (P5, P8, P15, P23, P24);</li> <li>- “Não recebi nenhum apoio” (P9, P16, P20, P22, P26, P27, P29, P30);</li> <li>- “Sim, recebi não do... [instituição do ensino superior politécnico] (P4);</li> <li>- “Apoio da escola professores dos alimentos e apoio financeiro” (P11, P14);</li> <li>- “Alimentos durante pandemia” (P6);</li> <li>- “Governo português dinheiro e meus irmãos” (P7);</li> <li>- “Apoio da escola, carregar cartão alimentar e Cáritas apoio da roupa” (P10);</li> <li>- “Não moralmente, conselhos sim” (P12, P28);</li> <li>- “Não recebi nenhum apoio profissional em termos de estudos científicos” (P13);</li> <li>- “Alojamentos e alimentação” (P17);</li> <li>- “Apoio da escola, estágio na junta freguesia é grande apoio” (P18);</li> <li>- “Apoio de colaboração” (P19);</li> <li>- “Sim, interação partilha dos conhecimentos ideias e dos orientadores” (P21, P25);</li> </ul>

	Quais as suas necessidades?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Não sinto necessidade por enquanto desde que estou cá estou a adaptar” (P1, P28);</li> <li>- “As necessidades são muitas, pagar renda e escola” (P2, P4, P5, P11);</li> <li>- “Há várias necessidades trabalhar para pagar despesas propina entre outros” (P9, P10, P20, P21);</li> <li>- “Necessidade financeira, renda, comida e moral” (P12, P14, P16, P23, P24, P25, P26, P27, P29);</li> <li>- “Trabalhar para sustentar os meus estudos” (P15, P21);</li> <li>- “Necessidade de estar confortável e algumas matérias da escola” (P3);</li> <li>- “Conseguir emprego e trabalhar para sustentar o meu estudo” (P8);</li> <li>- “São muitas é indissociável a ser humano” (P7);</li> <li>- “São poucas” (P6);</li> <li>- “São várias prioridades, necessidades básicas, enfrentar aquilo que nos trouxe aqui” (P13);</li> <li>- “Estudar e terminar o curso é basicamente” (P17);</li> <li>- “Crescer dia a dia para ser um homem” (P18);</li> <li>- “Existem sempre estudantes que precisam de espaço calmo” (P19);</li> <li>- “Necessidade de fazer minha tese que esta bem difícil associado a trabalhar para pagar despesas” (P22);</li> <li>- “Necessidade de cumprir com minhas aulas o voltar para casa” (P30);</li> </ul>
--	-----------------------------	---

	De que tipo de apoios sente falta?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Apoios financeiros para pagar despesas e propinas, alimentação, alojamentos é fundamental” (P4, P5, P9, P10, P11, P12, P14, P15, P16, P20, P23, P24, P25, P29);</li> <li>- “Não sinto falta porque tenho quase tudo” (P1, P17, P21, P30);</li> <li>- “Alojamento e trabalho” (P2);</li> <li>- “Alojamento apontamentos da escola” (P3);</li> <li>- “São poucas” (P6);</li> <li>- “Não tenho algo exato” (P7);</li> <li>- “Apoio de encorajamento familiar, alimentos, vestuários” (P8, P26, P28);</li> <li>- “Apoio material e com aquilo que vai nos ajudar nos estudos” (P13);</li> <li>- “Ter a minha mãe de perto” (P18);</li> <li>- “Apoio financeiro ter mesmo oportunidade e sem trabalhar é complicado” (P19);</li> <li>- “Financeiro para poder escrever a minha dissertação e duvidas na escola” (P22, P27);</li> </ul>
	Tendo em conta a sua experiência, que tipos de apoios poderiam ser dados e que não sejam ainda disponibilizados?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Deveriam ser disponibilizados apoio alimentar, roupas, alojamentos para integração dos recém-chegados” (P1, P2, P4, P16, P24, P25, P29);</li> <li>- “Poderia disponibilizar apoio financeiro para resolver a necessidade” (P8, P12, P14, P20, P26);</li> <li>- “Ajudar alunos ter acesso na integração” (P3, P7);</li> <li>- “Quando eu cheguei havia muitos projetos do... [instituição do ensino</li> </ul>

	<p>superior politécnico] e foram bloqueados” (P6);</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- “Só tem alojamentos para estudantes portugueses, outros não” (P9);</li><li>- “A escola deveria reduzir dívida por ter chegado tarde pelo menos 50%” (P10);</li><li>- “Aprofundar conhecimentos com meus docentes na escola e dinheiro para pagar despesas” (P11);</li><li>- “Todos são bem-vindos moral, financeiro, académico, em todo sentido” (P13);</li><li>- “Criação de centro de emprego para alunos estrangeiros, falta de dinheiro leva alunos a desistir do curso” (P15);</li><li>- “Depende estamos no presente depois para futuro” (P17);</li><li>- “O governo da Guiné-Bissau deve acompanhar de perto todos estudantes em diásporas” (P18);</li><li>- “Espaço de lazer, alimentação, criação de gabinete de apoio psicológico” (P19);</li><li>- “Associação para dar orientação na integração dos recém-chegados e criar tutor pela formação” (P21, P22);</li><li>- “Comunidade da escola e núcleo para criar fundos para apoiar estudantes” (P23);</li><li>- “Reduzir propinas para alunos que não vieram com protocolo” (P27);</li><li>- “Como sou novo aqui prefiro não responder” (P28);</li></ul>
--	---

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Apoio de língua, interação devido à fraca língua para alunos recém-chegados” (P30);</li> </ul>
	<p>De que forma é que os estudantes poderiam ter apoio de um técnico ou educador social?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “De acompanhar as pessoas solicitar apoio da Cáritas e outros instituição” (P1, P27);</li> <li>- “Educador social devia estar no serviço académico para acompanhar a integração e interação dos alunos” (P2, P3, P13, P14);</li> <li>- “Por meio de orientação e contactos na direção da escola, no uso de virtual” (P5, P7, P9, P10, P22, P23, P28, P29, P30);</li> <li>- “Moralmente, psicologicamente, economicamente para desenvolver” (P8, P11, P16, P20);</li> <li>- “Através do... [instituição do ensino superior politécnico] implementar projeto para dar orientação e com apoio de núcleo AEABE na integração” (P4, P5, P21, P25);</li> <li>- “Auxílio de informática e conhecimento do curso e ter acesso regularmente do curso” (P6);</li> <li>- “Através da comunicação apresentar as dificuldades para poder ajudar na partilha de ideias” (P12);</li> <li>- “Através de apoio socioeducativo e intervenção educacional” (P15);</li> <li>- “Um estudante que esta integrado numa comunidade basicamente vai ter amigos e tudo o que quer” (P17);</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Como educador social é aquela pessoa que trabalha com a sociedade então aproximar de estudantes valia muito (P18);</li> <li>- “Criação de gabinete por parte do... [instituição do ensino superior politécnico] para atendimento psicológica e apoio serviço social para que todos alunos ter conhecimentos” (P19);</li> <li>- “Através de apoio do professor o aluno sente satisfeito no funcionamento dos métodos de escola” (P24, P26);</li> </ul>
<p>B4. Estratégias utilizadas</p>	<p>Quais as estratégias que utiliza para ultrapassar as dificuldades?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Ultrapassei as dificuldades na partilha do quarto e dividir despesa” (P1,2);</li> <li>- “Comer na cantina é uma estratégia” (P3);</li> <li>- “Através da experiência que tenho consigo ultrapassar” (P4);</li> <li>- “Apoio de pessoas de confiança, desenvolver habilidade e resolução de metas claras e manter atitude positiva” (P5, P18);</li> <li>- “Aproximar da comunidade, aceitar partilha e aprender com os próximos” (P6, P21);</li> <li>- “Através da Cáritas e outras pessoas na utilização do dinheiro” (P8);</li> <li>- “Estudar, coragem e partilhar ideias” (P7, P16, P17, P20);</li> <li>- “Ter focado no que viemos procurar e trabalhar arduamente e estudar ao mesmo tempo” (P9, P15);</li> <li>- “Apresentar as suas necessidades para resolução dos seus problemas partilhando dificuldade com colegas e docentes” (P10, P14);</li> <li>- “Partilhar dificuldade com colegas e docentes e partilhando ideias” (P11,</li> </ul>

		<p>P12);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Criar forma de conseguir algo se não ter apoio difícil ultrapassar dificuldade” (P19);</li> <li>- “Através da associação e colegas da turma mantendo informação” (P22, P29);</li> <li>- “Através das colegas que cá estiveram, tentar familiarizar com... [instituição do ensino superior politécnico] nas dúvidas” (P23);</li> <li>- “Através dos professores meus amigos para explicar o funcionamento de criar projeto” (P24);</li> <li>- “Não sinto dificuldade por isso não sei de ultrapassar estratégia” (P25);</li> <li>- “Através do trabalho consegui ultrapassar dificuldade” (P26, P27);</li> <li>- “Tentar adaptar e aprender língua portuguesa e agilizar antes de fazer qualquer coisa” (P28, P30);</li> </ul>
	<p>Na sua opinião, quais as estratégias que podem promover a integração?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Pedir ajuda para morar com outras pessoas no mesmo quarto não facilita na estratégia” (P1, P2);</li> <li>- “Comunicação e diálogo, interagir com colegas fazer contacto para integração na comunidade, daí que aparece solução de qualquer problema” (P3, P7, P8, P11, P12, P17);</li> <li>- “Sensibilização, colaboração e oportunidade para estudantes dos PALOP” (P4);</li> <li>- “Incentivar comunicação aberta, respeitar diversidade de inclusão e criar</li> </ul>

		<p>oportunidade e colaboração” (P5);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Participação na comunidade associação dos estudantes africanos e muito empenho aceitar aprender com próximos” (P6);</li> <li>- “As condições necessárias básicas vão ser fácil na integração” (P9);</li> <li>- “Através do núcleo criar fundo para receção dos recém-chegados” (P10);</li> <li>- “Através de atividades desportivas. interculturais e científicas” (P13, P28, P30);</li> <li>- “Criação de aproximação e boa relação no encontro entre alunos e professores nos conhecimentos da integração dos alunos já integrados” (P14, P15, P22, P23);</li> <li>- “Devemos apoio uns aos outros entre colegas alunos e professores e criar atividade de inclusão na escola e promover a integração” (P16, P18);</li> <li>- “Criar gabinete de apoio para que todos possam exprimir os seus problemas psicológico e social” (P19);</li> <li>- “Sacrificar hoje e ser homem amanhã” (P20);</li> <li>- “Receção dos recém-chegados, atividade de associativismo cultural são os que tem impacto na integração” (P21);</li> <li>- “Finalizar curso e fazer especialidade” (P24);</li> <li>- “Não existe estratégia os recém-chegados fazem tudo ao seu alcance procuram alojamento para alunos recém-chegados” (P25);</li> <li>- “União entre alunos e professores direção da escola e núcleo de estudantes”</li> </ul>
--	--	---

		(P26, P29); - “(...) para que todos alunos tenham acesso de comer na cantina de graça” (P27);
--	--	---

Anexo 6 – Transcrição das entrevistas – Categoria C. Expectativas para o futuro após a conclusão do ensino superior

Subcategorias	Questões	Unidades de registo
C1. Vida profissional	Relativamente à vida profissional, o que espera vir a concretizar no futuro?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “No futuro pretendo ser uma enfermeira obstetrícia” (P1);</li> <li>- “Pretendo terminar mestrado e trabalhar na minha área e enfrentar os desafios” (P2, P3, P11, P12, P15, P17, P19, P24, P29);</li> <li>- “Pretendo ser empresário e trabalhar na conta própria” (P4, P21, P30);</li> <li>- “Ser diplomata” (P5);</li> <li>- “Fazer estágio profissional e efetivar no ramo para implementar experiências adquiridas” (P6);</li> <li>- “Trabalhar nas organizações internacionais e conhecer as realidades” (P7);</li> <li>- “Realizar sonho atividade do curso e fazer projeto implementar no meu país sobre educação ambiental” (P8);</li> <li>- “Melhorar condição e realidade ganhar experiência e transmitir no meu país” (P9);</li> <li>- “Por na prática a profissão no país desenvolvido como da origem” (P10);</li> <li>- “Dar contributo no meu país na área de formação para ajudar as pessoas que necessita e ser responsável” (P13, P27);</li> <li>- “Ser um bom profissional ajudar meu povo há muito desafios na comunidade do meu país” (P14, P16, P18, P24);</li> <li>- “Ser presidente ou ministro, trabalhar no governo ou organização” (P20);</li> <li>- “(..) Exercer uma formação mais efetiva na minha área de formação” (P22);</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Um futuro prospero isso tem que trabalhar arduamente” (P23);</li> <li>- “Muitos planos dinheiros criar empresa ter loja de roupa e arranjar terreno” (P25);</li> <li>- “O melhor é para dar vida para frente” (P26);</li> <li>- “Ser bom analista ou um bom médico” (P28);</li> </ul>
	Pretende trabalhar em Portugal ou noutro país?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Pretendo trabalhar no meu país e a minha contribuição é essencial e fundamental” (P2, P4, P5, P7, P8, P9, P10, P11, P13, P14, P15, P16, P17, P20, P22, P23, P26, P28, P29);</li> <li>- “Prefiro trabalhar em Portugal, depois noutro país” (P1, P3, P25, P30);</li> <li>- “Há vários desafios para a frente” (P12, P24);</li> <li>- “Pretendo trabalhar, mas prefiro focar no estudo” (P6);</li> <li>- “Futuro vem depois, trabalhar em Portugal e em Guiné-Bissau” (P18);</li> <li>- “Depende do mercado de trabalho quando mais oferta melhor procura” (P19);</li> <li>- “Se Portugal for rentável, se não volto para meu país ou no meu país se não for caso trabalho em Portugal” (P21, P27);</li> </ul>
C2. Expectativas pessoais	Que desafios sente na sua vida pessoal por ser estudante dos PALOP?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Desafios deixar a minha filha, meu irmão, os meus pais e meu marido para vir cá é um desafio que estou a enfrentar” (P1, P2, P3);</li> <li>- “Desafios são enormes em termos de conseguir visto, não é fácil, e desafios de língua portuguesa e socioeconómico” (P4, P5, P7);</li> <li>- “Tirar curso técnico e licenciatura e busca de oportunidades” (P6);</li> <li>- “Sinto desafio económico, moral, vestuário e ter direito como outros” (P8);</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Desafio de trabalhar no meu país como cidadão dos PALOP” (P9);</li> <li>- “São enormes no relacionamento, a Guiné-Bissau é um país de baixo nível em relação a Cabo-Verde” (P10);</li> <li>- “Desafio de realizar o meu sonho e tronando na prática como um educador ambiental” (P11);</li> <li>- “(..) Há vários desafios pela frente na vida estudantil, preparar para enfrentá-los ao longo do curto médio e longo prazo, cada caso é um caso” (P12, P13);</li> <li>- “Estudar para ser um bom profissional no futuro e desenvolver a minha capacidade” (P14);</li> <li>- “São grandes, condição financeira, não há trabalho e determinar o foco e gerir uma empresa” (P15, P30);</li> <li>- “Desafio de alcançar objetivos e voltar o meu país, primeiro dia de aulas pensei que era outra língua” (P16, P17);</li> <li>- “Ser estudante dos PALOP é responsabilidade interagir com a comunidade e saber respeitar as regras” (P18);</li> <li>- “Saímos de país pobre, mas isso depende da pessoa quando surge oportunidade, na partilha de ideias, aproveito” (P19, P20);</li> <li>- “São enormes, debater na sala de aulas para ter mais conhecimentos na vida académica e profissional, entre professor e alunos” (P21, P22);</li> <li>- “Enorme em termos de empenhar e ser dinâmica e responsável naquilo que viemos fazer” (P23);</li> </ul>
--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Os desafios na integração, encontrar alojamento e alimentos, e ter compromisso no futuro” (P24, P27);</li> <li>- “Não sinto desafio nenhum, a única é sair de um país para outra cultura totalmente diferente” (P25, P28);</li> <li>- “Desafios têm que ser forte não desistir do seu objetivo e enfrentar nos estudos a integração não é fácil” (P26, P29);</li> </ul>
C3. Recomendações/ propostas	Considera que os problemas podem ser minimizados? De que forma?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Se calhar podem ser minimizados mas como o nosso ensino é fraco em termos do Mestrado não temos em Guiné-Bissau” (P1);</li> <li>- “Sim, de forma que a instituição tenha conhecimento de tentar ajudar alunos dos PALOP com toda a comunidade” (P2);</li> <li>- “Sim, o problema é que educador social continua a dar apoio na integração das pessoas” (P3);</li> <li>- “Sim, através de uma boa relação entre alunos e com apoio de... [instituição do ensino superior politécnico] associação dos estudantes dos PALOP” (P4, P6, P30);</li> <li>- “Sim, por meio de educação inclusiva acesso equitativa e recursos educacionais” (P5);</li> <li>- “Aprender língua para poder evoluir, de forma compreensiva e colaboração do... [instituição do ensino superior politécnico], vão ser minimizados” (P7, P8);</li> <li>- “Sim, apoio do governo, criar incentivo para estudantes, não há problemas sem soluções, mudar forma de abordagem estratégica” (P9, P19);</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sim, podem ser minimizados, criar equipa de colegas para quem precisa, problemas tem que ser discutidos e a certados os pontos é mais viável” (P10, P18);</li> <li>- “Diálogo, devem ser abordados e cumpridos na prática o que está em causa” (P11, P12, P24);</li> <li>- “Através da comunicação mostrar a nossa opinião, esforço e partilha dos conhecimentos com colegas” (P13, P14);</li> <li>- “São vários, temos diferente sonhos e ambições” (P22);</li> <li>- “Sim, aceitar o que somos e ser mais empáticos e transparentes, conversando sempre” (P15, P25);</li> <li>- “Questão financeira, residência para alunos, estudante que gosta de aprender e fazer” (P16, P17);</li> <li>- “Coragem, força, fé, cabeça erguida porque um dia vai vencer a batalha” (P20, P26);</li> <li>- “Sim, participar como mentor académico” (P21);</li> <li>- “Através de comunidade pagar as cotas para receção das pessoas recém-chegados” (P23);</li> <li>- “Sim, devemos prevenir, mas tomar cautela e proteger o meio ambiente” (P27);</li> <li>- “Adaptar fazendo o que lhe permite fazer” (P28, P29);</li> </ul>
--	--	---

	<p>No seu ponto de vista, o que poderia ser diferente para melhorar o processo de integração?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Através de apoio dos novos ingressos” (P1);</li> <li>- “Cada comunidade do PALOP tem que ter uma forma de facilitar os conterrâneos” (P2);</li> <li>- “Ajudar as pessoas na integração encaminhá-lo para serviços competentes” (P3, P6);</li> <li>- “Um bom acolhimento entre alunos, para melhorar a forma” (P4);</li> <li>- “Criação de ambiente acolhedor, programa de sensibilização cultural e promoção da diversidade, inclusão em todo o sector social” (P5);</li> <li>- “O que poderia ser diferente, dificuldade da língua com apoio de... [instituição do ensino superior politécnico] vai ultrapassar” (P7);</li> <li>- “Vários processos podem ajudar na limitação das propinas” (P8);</li> <li>- “Através do governo e parceiros e dedicar na comunicação com os que cá estão” (P9, P12);</li> <li>- “Integração não é fácil, ir ao encontro das pessoas” (P10);</li> <li>- “Dificuldade igualdade quando elaborar a lei é para todos” (P11);</li> <li>- “Manter ideias de associação, associativismo de promoção de valores de ciências, atividades académicas” (P13);</li> <li>- “Núcleo de estudantes procura mais novos ingressos na forma de ajudar para poder integrar bem no sistema do ensino e no relacionamento entre alunos e professores” (P14, P24, P29);</li> <li>- “Criar infraestruturas nas zonas mais precárias do país” (P15);</li> </ul>
--	---	---

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Através de negociação, diálogo entre governo da Guiné-Bissau e... [instituição do ensino superior politécnico]” (P16, P30);</li> <li>- “Alunos dos PALOP não gostam de sair para tomar café, o que ajuda na integração” (P17);</li> <li>- “[instituição do ensino superior politécnico] deve trabalhar mais nas redes sociais, publicar as páginas para informação a toda comunidade” (P18);</li> <li>- “Criação de gabinete de apoio para integração e espaço de interação e vontade de fazer algumas coisas” (P19, P20);</li> <li>- “Dar apoio a esta instituição e fazer forma de atendimento entre professores e alunos com a secretaria, facilita o processo” (P21, P22);</li> <li>- “Núcleo disponibilizar pessoas para recepção dos recém-chegados que vai orientar na integração” (P23, P25, P26);</li> <li>- “O que pode ser diferente no processo através do... [instituição do ensino superior politécnico] ajudar nas bolsas porque alunos portugueses têm mais privilégio” (P27);</li> <li>- “O que pode ser diferente no processo através de embaixada de Portugal em Guiné-Bissau deve facilitar na entrega de visto dos alunos para chegarem a tempo assim para integrar no início e não no meio” (P28).</li> </ul>
--	--	---